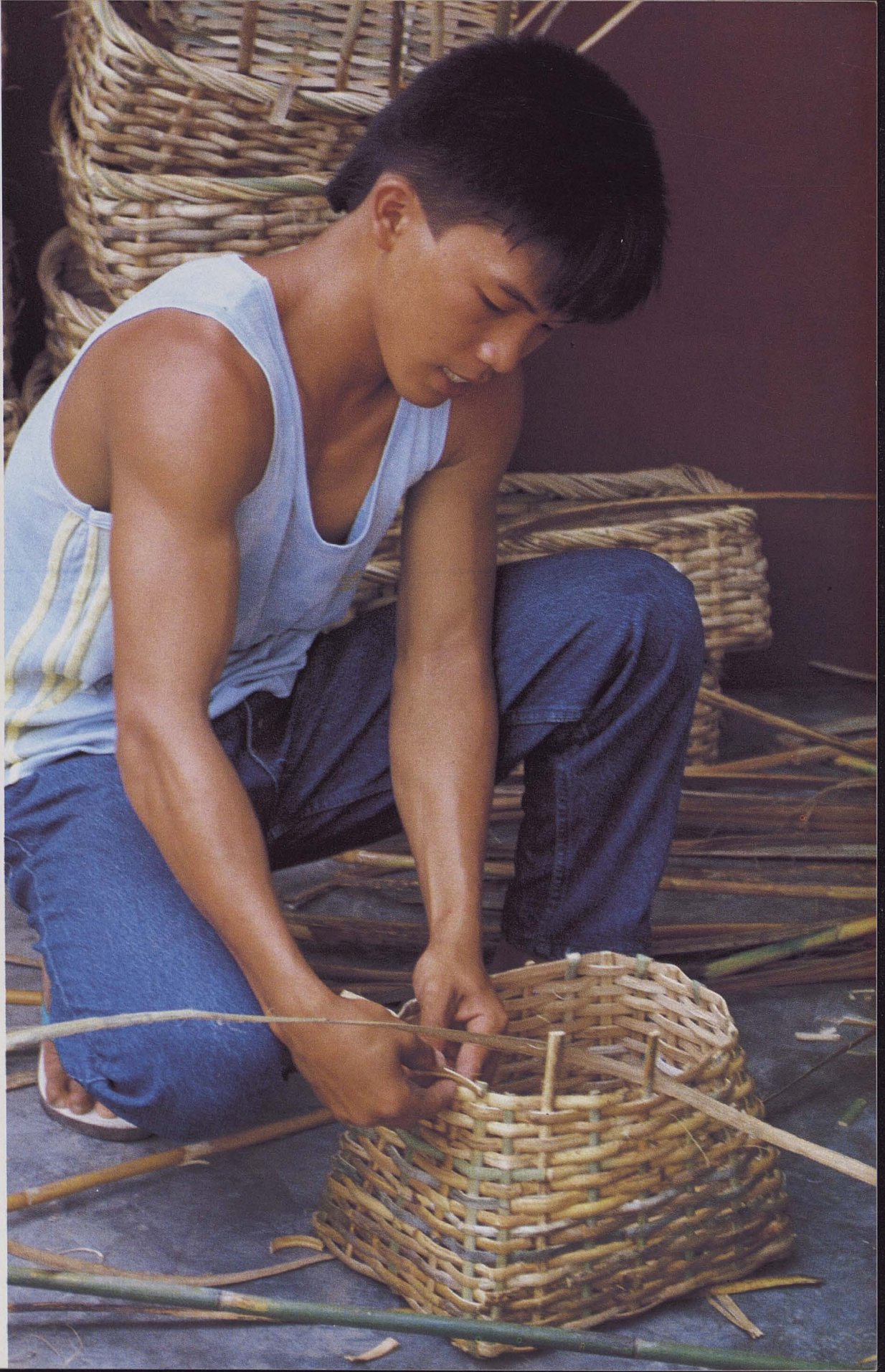


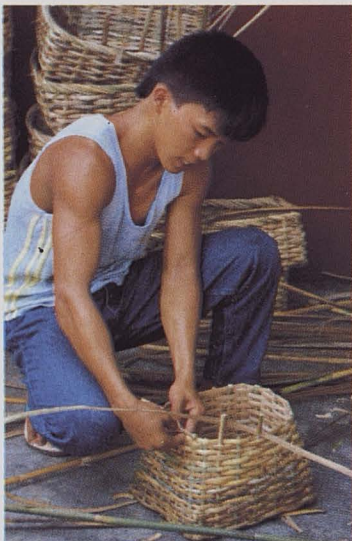
ALLAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS ■ SETEMBRO DE 1991



A LIAHONA

SETEMBRO DE 1991



Capa:

Este jovem da ilha de Mindanao pertence a uma cooperativa de membros da Igreja que tecem cestos de vime. Eles iniciam o dia com uma oração e leitura das escrituras e ouvem gravações de hinos enquanto trabalham. Vide "Os Santos das Filipinas: 'Um Povo Que Crê'", p. 8. Na capa, fotografia de Marvin K. Gardner.

Capa da Seção Infantil:

Jan Michelle Cabrito de Baguio, quatro anos de idade, aprende sobre Jesus, na noite familiar. A lição é seguida de hino e oração — depois vêm os abraços e o lanche. Fotografia de Marvin K. Gardner.

DESTAQUES

MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: AS BÊNÇÃOS DA ORAÇÃO FAMILIAR PRESIDENTE GORDON B. HINCKLEY	2
OS SANTOS DAS FILIPINAS: "UM POVO QUE CRÊ" MARVIN K. GARDNER	8
RADMILA RANOVIC: DESCOBRIR POR SI MESMA KENNETH S. ROGERSON	22
UMA REPRIMENDA GENTIL MARTHA MACFARLANE WISER	26
COMO POSSO MELHORAR O RELACIONAMENTO COM MEU CÔNJUGE? HOWARD C. MACFARLANE	29
A ESCRITURA "INSIGNIFICANTE" KIM R. BURNINGHAM	30
A TERRA DE JESUS, PRIMEIRA PARTE	34
LUIZ ALBERTO FERRIZO NÉSTOR CURBELO	46

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

COMO VOCÊ É?	33
"O CAMINHO DA SABEDORIA" JILL HEMMING	44

DEPARTAMENTOS

COMENTÁRIOS	1
MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES: AUMENTAR A CARIDADE	25

SEÇÃO INFANTIL

BRIGHAM YOUNG TRABALHADOR KELLENE RICKS	2
TEMPO DE COMPARTILHAR: SERVOS OBEDIENTES DE DEUS LAUREL ROHLFING	5
FICÇÃO: UMA TORRE PARA O REI BENJAMIM BONNY DAHLSRUD	8
DE UM AMIGO PARA OUTRO: ÉLDER ROBERT E. SACKLEY	12
AMIGOS CRIATIVOS EM NOTÍCIA	14
SÓ PARA DIVERTIR	16

SETEMBRO de 1991, Vol. 44, n.º 9
91989 059 - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

A Primeira Presidência:

Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quorum dos Doze:

Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott

Consultores:

Rex D. Pinegar, Gene R. Cook, John H. Groberg, Robert E. Wells

Editor: Rex D. Pinegar

Diretor Gerente do Departamento de Currículo: Ronald L. Knighton

Diretor de Revistas da Igreja: Thomas L. Peterson

International Magazines:

Editor Gerente: Brian K. Kelly

Editor Gerente Assistente: Marvin K. Gardner

Editor Associado: David Mitchell

Editora Assistente/Seção Infantil: De Anne Walker

Controlador: Diana W. Van Staveren

Supervisão de Arte: M. M. Kawasaki

Diretor de Arte: Scott D. Van Kampen

Desenho: Sharri Cook

Produção: Reginald J. Christensen, Steve Dayton, Jane Ann Kemp, Denise Kirby

Gerente de Circulação: Joyce Hansen

A Liahona:

Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance

Editor: Paulo Dias Machado

(Reg. 8966-35-02 - RJ)

Tradução e Notícias Locais: Flavia G. Erbolato

Assinaturas: Carlos Tadeu de Campos

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob n.º 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao:

Departamento de Assinaturas

Caixa Postal 26023

São Paulo, SP.

Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 2.000,00; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Rua Aquiles Machado, 5MSJ - 1900 - Lisboa. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea, US\$ 10,00.

Preço de exemplar em nossa agência: Cr\$ 170,00.

As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Imprensoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em islandês.

Impressão: Indústria de Artes Gráficas ATLAN Ltda. - Rua 21 de Abril, 787 - Brás - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

The A LIAHONA (ISSN 0885-3169) is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Second-class postage paid at Salt Lake City, Utah and at additional mailing offices. Subscription price \$9.00 a year, \$1.00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription information telephone number 801-240-2947.

POSTMASTER: Send address changes to A LIAHONA at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A.

COMENTÁRIOS

AMIGOS POR CORRESPONDÊNCIA

Obrigada pela *Liahona* (espanhol). Ela é um guia na vida dos santos da Guatemala, bem como de todo o mundo.

Como jovem SUD, eu gostaria de ter muitos amigos no mundo inteiro, que crêem no mesmo que creio eu e que, por meio de cartas, fortalecessem meu testemunho — e talvez eu pudesse fazer o mesmo por eles. Assim, pensei que talvez, pela *Liahona* e outras revistas internacionais da Igreja, jovens de diferentes partes do mundo pudessem fornecer dados pessoais, tais como nome, idade, endereço, telefone e passatempos.

Desse modo, muitos jovens da Igreja, que gostariam ou precisam de mais amigos, poderiam comunicar-se por carta ou telefone.

Ana Rodriguez

Ala Modelo

Estaca Escuintla

Guatemala

Nota do Editor: Simpatizamos com os muitos pedidos que recebemos de pessoas que desejam amigos-correspondentes. Entretanto, as diretrizes que governam as revistas internacionais da Igreja estabelecem: "Não se deve publicar listas de pedidos de correspondentes." Esta norma foi adotada para proteger nossos leitores de respostas negativas que poderiam resultar da publicação de nomes e endereços de membros.

GRANDE TESOURO

Minha esposa e eu queríamos realizar a noite familiar, a fim de nos conhecermos melhor e aprendermos mais a respeito do Evangelho de Jesus Cristo. Encontramos um grande tesouro de conhecimento na *Liahona* (espanhol), que nos ajudou a

atingir essas metas. É como receber alimento espiritual todos os meses.

Esperamos que todos nossos irmãos assinem essa importante revista. Sentimos no coração que é um complemento do Livro de Mórmon, da Bíblia Sagrada, de Doutrina e Convênios e outros livros da Igreja. Somos gratos às Autoridades Gerais por suas belas mensagens, e aos irmãos cujos artigos e histórias fortalecem nossa fé.

Carlos A. Rocha e Ana Cecilia de Rocha
Ala 11, Estaca El Molina
Guatemala

EM PERFEITA SINTONIA

Gostaria de congratular-me com vocês, pelo número de novembro de 1990. Foi excelente! Nunca antes vi uma revista tão em sintonia com o evangelho. As mensagens pareciam escritas especialmente para mim.

O artigo "Sugestões para Discursos" tornou-se um componente importante de meu arquivo.

Ana Claudia da Silva (18)

Ala Satélite

Estaca São José dos Campos

São Paulo, Brasil

NOTA EDITORIAL

Apreciamos grandemente nossos leitores leais pelo mundo afora. Convidamo-los a enviar-nos cartas, artigos e histórias. O idioma não representa um obstáculo. (Queiram incluir seu nome completo, endereço, ala ou ramo, e estaca ou distrito.) Apreciamos os artigos e cartas que já recebemos e esperamos ter mais notícias de nossos leitores no futuro. Nosso endereço é: International Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, USA.



FOTOGRAFIA DE CRAIG DIMOND

As Bênçãos da Oração Familiar

Presidente Gordon B. Hinckley

Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência



Apóstolo Paulo declarou a Timóteo:

“Sabe, porém, isto: que nos últimos dias sobrevirão tempos trabalhosos.

Porque haverá homens amantes de si mesmos, avarentos, presunçosos, soberbos, blasfemos, desobedientes a pais e mães, ingratos, profanos.

Sem afeto natural, irreconciliáveis, caluniadores, incontinentes, cruéis, sem amor para com os bons,

Traidores, obstinados, orgulhosos, mais amigos dos deleites do que amigos de Deus” (II Timóteo 3:1-4).

Há necessidade, hoje, de darmos nova ênfase à honestidade, ao caráter e à integridade. Só quando começarmos novamente a incorporar à nossa vida virtudes que são a essência da verdadeira civilização, é que conseguiremos mudar a tendência atual. A questão com a qual nos defrontamos é: Por onde começar?

“A volta à oração familiar é um dos remédios básicos para a enfermidade que está corroendo o caráter de nossa sociedade.”



"A família que ora é a esperança de uma sociedade melhor. Não poderíamos esperar um milagre num só dia, mas poderíamos contemplar um milagre numa geração."

Estou convencido de que devemos começar reconhecendo o Senhor como nosso Pai Eterno e nós como seus filhos; comunicando-nos com ele e reconhecendo sua posição suprema; suplicando diariamente orientação em nossa vida.

Sugiro que a volta à oração familiar seja um dos remédios básicos para a enfermidade que está corroendo o caráter de nossa sociedade. Não poderíamos esperar um milagre num só dia, mas poderíamos contemplar um milagre numa geração.

Há uma ou duas gerações, a oração familiar era tão essencial nas atividades diárias dos lares cristãos de todo o mundo quanto alimentar-se. À medida que essa prática foi caindo em desuso, a decadência moral, mencionada pelo Apóstolo Paulo, foi aumentando.

Tenho certeza de que não existe um substituto para o hábito de pais, mães e filhos se ajoelharem para orar todas as manhãs e noites. É isto, mais do que grossos tapetes, mais do que lindas cortinas, mais do que uma perfeita combinação de cores, o que mais contribui para lares melhores e mais bonitos.

Ao nos ajoelharmos, a própria postura contradiz as atitudes citadas por Paulo: "Soberbos,...obstinados, orgulhosos."

O costume de pais e filhos se ajoelharem, elimina outras fraquezas descritas por Paulo: "Desobedientes a pais,... sem afeto natural."

Ao nos dirigirmos à Divindade, estamos tentando sobrepujar a tendência de blasfemar e de nos tornarmos "mais amigos dos deleites do que amigos de Deus".

A inclinação que por acaso tenhamos, de sermos profanos e ingratos, é vencida quando, em família, agradecemos ao Senhor pela vida, paz e tudo o que possuímos. E, quando agradecemos uns pelos outros, desenvolvemos novo apreço por nossos familiares, novo respeito, nova afeição mútua.

A escritura declara: "Em todas as coisas renderás graças ao Senhor teu Deus." (D&C 59:7.)

E novamente: "E em nada ofende o homem a Deus, ou contra ninguém está acesa a sua ira, a não ser contra os que não confessam a sua mão em todas as coisas." (D&C 59:21.)

Quando os membros da família se ajoelham diante do Senhor e lembram-se dos pobres, necessitados e oprimidos, desenvolvem um amor e respeito ao próximo que os faz esquecer de si mesmos, bem como o desejo de ajudar a suprir as necessidades alheias. Ninguém pode pedir a Deus que ajude um vizinho em dificuldade, sem se sentir motivado a fazer algo para ajudar esse vizinho. Quão grandes seriam os milagres que poderiam acontecer na vida das pessoas se tão-somente deixassem de lado o egoísmo e esquecessem de si mesmas, servindo ao próximo. Tais milagres podem começar a acontecer com as súplicas diárias em família.

Não conheço melhor maneira de ensinar o amor à pátria do que os pais orarem, diante dos filhos, pela terra na qual vivem, invocando as bênçãos do Todo-Poderoso sobre ela, para que seja preservada em liberdade e em paz. Não conheço maneira melhor de edificar nos corações dos filhos um muito necessitado respeito às

**"Ao orarmos juntos,
confessamos nossas
fraquezas...e invocamos
as bênçãos do Senhor
para nosso lar e aqueles
que nele habitam."**



autoridades, do que lembrar nas súplicas diárias, em família, aqueles que carregam nos ombros o fardo de governar.

Lembro de ter visto, em cartazes espalhados em certas cidades, uma declaração: "A nação que ora é uma nação que vive em paz." Acredito nisto.

A oração em conjunto pode acalmar as tensões familiares. Pode despertar o respeito, que leva à obediência aos pais. Pode fazer vir à tona o espírito de arrependimento que, por sua vez, diminuirá o perigo de lares desfeitos. Orando juntos, confessamos juntos nossas fraquezas ao Senhor e invocamos suas bênçãos para nosso lar e os que nele habitam.

Uma declaração feita por James H. Moyle, falecido, muito me impressionou. Ele escreveu a seus netos a respeito da oração familiar em seu próprio lar: "Nunca vamos para a cama sem antes nos ajoelharmos em oração, para suplicar a orientação e aprovação divinas. Nas melhores famílias pode haver diferenças, mas elas serão dissipadas pelo...espírito de oração...A oração, por natureza, tende a promover uma vida mais justa entre os homens. Leva a maior unidade, amor, perdão e serviço."

Em 1872, o Coronel Thomas L. Kane, grande amigo de nosso povo nos dias de seus infortúnios, em Iowa, e por ocasião da chegada do exército dos Estados Unidos ao Vale do Lago Salgado, voltou para o oeste com a mulher e dois filhos. Eles viajaram para St. George com Brigham Young, parando de noite nas casas dos membros da Igreja, que ficavam ao longo do caminho. A sra. Kane

escreveu uma série de cartas a seu pai, que ficara em Filadélfia, Pennsylvania. Numa delas, dizia:

"Em cada uma das casas que ficamos nesta jornada, tivemos orações imediatamente após o jantar, e novamente antes do desjejum. Ninguém era dispensado... Os mórmons...se ajoelham todos ao mesmo tempo, enquanto o chefe da casa, ou o convidado especial ora em voz alta... Despendem muito pouco tempo em louvores, mas pedem o que precisam e agradecem pelo que lhes foi dado... Presumem que Deus nos conhece pelo nome e títulos, e pedem bênçãos para um indivíduo em particular, mencionando-lhe o nome... Gostei disto, depois que me acostumei."

Quisera que nós, como povo, adotássemos esta prática, tão importante para nossos ancestrais pioneiros. A oração familiar fazia parte de sua adoração, tanto quanto as reuniões realizadas no Tabernáculo. Com a fé adquirida por meio dessas invocações diárias, eles arrancaram o mato da terra, irrigaram o solo ressequido, fizeram o deserto florescer, governaram suas famílias em amor, viveram em paz uns com os outros, e imortalizaram seus nomes, esquecendo de si mesmos no serviço de Deus.

A família é a unidade básica da sociedade. A família que ora é a esperança de uma sociedade melhor. "Buscai ao Senhor enquanto se pode achar." (Isaías 55:6.)

Fui tocado pela emocionante declaração de um jovem missionário, no Japão. Ele disse: "Estou aqui há meses. Não consigo aprender a língua. Não gosto do povo. Sinto-me deprimido durante o dia e choro de noite. Eu queria morrer. Escrevi para minha mãe e implorei-lhe

“Quando os membros da família se ajoelham diante do Senhor e lembram-se dos pobres, necessitados e oprimidos, desenvolvem um amor e

respeito ao próximo que os faz esquecer de si mesmos, bem como o desejo de ajudar a suprir as necessidades alheias.”

que arranjasse uma desculpa para que eu voltasse para casa. A resposta dela diz o seguinte: ‘Estamos orando por você. Não deixamos passar um único dia sem que nos ajoelhem todos, de manhã, antes do desjejum, e à noite, antes de nos recolhermos, rogando ao Senhor que o abençoe. Adicionamos o jejum às nossas orações, e quando seus irmãos e irmãs mais novos oram, dizem: “Pai Celestial, abençoa o Johnny, lá no Japão, e ajuda-o a aprender a língua e a fazer o trabalho para o qual foi chamado.”’ ” “O jovem então declarou entre lágrimas: “Vou tentar novamente. Acrescentarei minhas orações às deles, e meus jejuns também.”

Quatro meses depois de ouvi-lo dizer que tentaria de novo, enviou-me uma carta, na qual dizia: “Aconteceu um milagre. O conhecimento da língua me foi dado, como se fosse um dom de Deus. Aprendi a amar o povo desta bela terra. Agradeço ao Senhor pelas orações de minha família.”

Podemos tornar nossos lares mais belos? Sim, dirigindo-nos, com nossas famílias, à fonte da verdadeira beleza. Será que podemos fortalecer a sociedade e torná-la um lugar melhor para viver? Sim, fortalecendo a virtude de nossa vida familiar, ao nos ajoelharmos em conjunto, elevando nossas súplicas ao Todo-Poderoso, em nome do seu Amado Filho.

O retorno à adoração em família, se praticado em toda a terra, em uma geração eliminaria os sérios problemas que nos estão destruindo. Restauraria a integridade e o respeito mútuo, assim como o espírito de gratidão nos corações das pessoas.

O Mestre declarou: “Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á.” (Mateus 7:7.)

Presto-vos testemunho de que, se aplicardes sinceramente o princípio da oração familiar, não ficareis sem recompensa. As mudanças podem não ser aparentes de imediato. Podem parecer extremamente sutis, mas serão reais, pois Deus “é galardoador dos que o buscam”. (Hebreus 11:6.)

Que sejamos fiéis, dando um exemplo ao mundo no que diz respeito a este costume, estimulando os outros a fazer o mesmo. □

..... IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

Saliente as idéias abaixo, em seu ensino como mestre familiar:

1. O Apóstolo Paulo descreveu muito bem nosso tempo: “Nos últimos dias sobrevirão tempos trabalhosos.” (II Timóteo 3:1.)

2. Só quando começarmos a incorporar à estrutura de nossa vida, virtudes essenciais, é que conseguiremos mudar a tendência atual.

3. A oração familiar é um dos remédios básicos para a enfermidade que está corroendo o caráter de nossa sociedade.

4. O próprio hábito de nos ajoelharmos juntos, dirigindo-nos à Divindade, lembrando-nos dos necessitados e orando pelos membros da família, acalma tensões, ensina verdades e ensina amor e respeito.



Os Santos das Filipinas

“Um Povo Que Crê”

Marvin K. Gardner

Os ventiladores estão girando sobre nossas cabeças, mas o ar úmido mal ventila. Embora as portas corrediças de um dos lados da capela estejam abertas, nenhuma brisa refresca o ambiente.

O estacionamento está quase vazio, mas a pequena capela da Ala Peteros, em Manila, está repleta. Alguns membros chegaram a pé, outros em grandes jipes ou jinriquixás puxados por bicicletas.

O bispo diz que em termos de bens materiais, “muitos membros são muito pobres, mas quando eu os entrevisto, dizem que são abençoados e que suas orações estão sendo respondidas”.

Começa a reunião sacramental, e uma mulher discursa sobre a caridade, o puro amor de Cristo. Em

seguida um rapaz fala da destruição da nação jaredita. “Esta história mostra que, sem caridade, nada somos”, diz ele. “O mesmo princípio se aplica a nós; não somos exceção.”

Uma jovem se levanta para reger o hino. Como não há pianista, ela canta a primeira linha. Em seguida todos participam: “*Eu devo partilhar.*” (Hinário Novo, nº 135.)

Nesta nação tão atingida por desastres naturais e agitação social, por que se dá tanta ênfase a bênçãos recebidas e partilhadas? O que estes membros receberam, e como podem retribuir?

Quando falam das bênçãos que recebem do Senhor, a resposta é clara: Têm sido abençoados com uma grande fé no Senhor Jesus Cristo. Os dons do Espírito são abundantes e compartilham gratui-

tamente o testemunho da bondade de Deus.

“O PAI CELESTIAL CONHECE
REALMENTE MINHAS
NECESSIDADES”
.....

Malou Ducta tremia no escuro enquanto orava. O tufão, ainda fora de controle, ameaçava levar a pequena casa onde ela e outros se haviam acomodado. O mar amigo se tornara um violento estranho. Todos choravam.

Nhance Baronda, 18 anos, rege um hino no Ramo Cabcabén. Esta capela, que fica na Península de Bataan, tem vista para a Baía de Manila e para a Ilha do Corregidor.

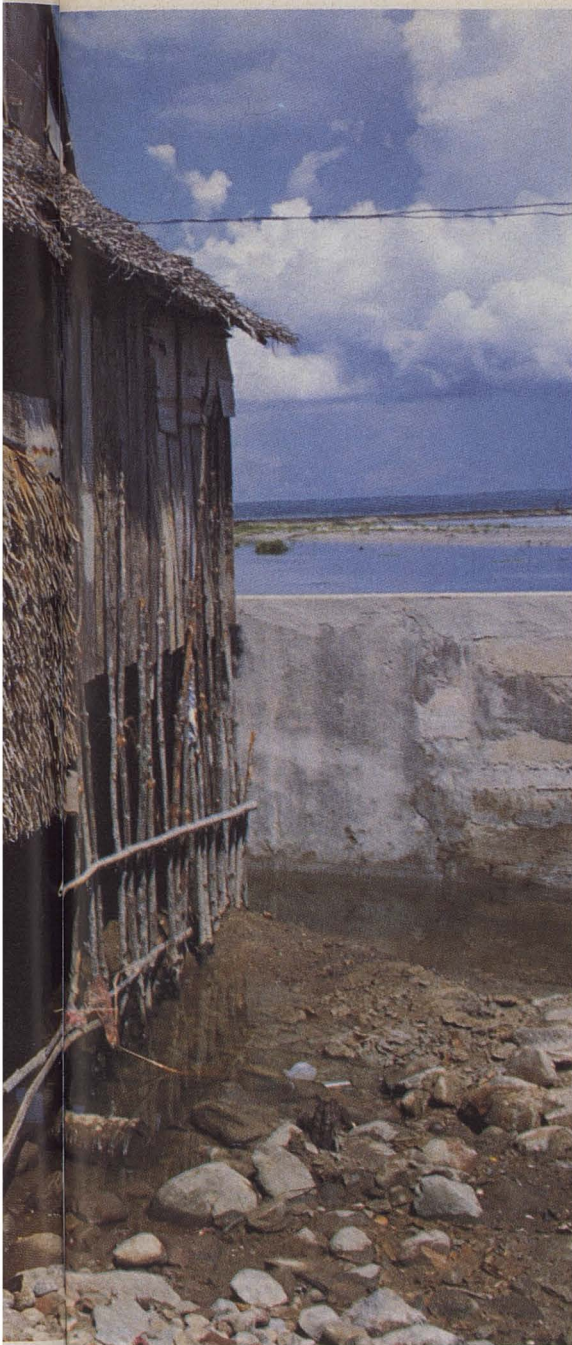


FOTOGRAFIA DE MARVIN K. GARDNER



Pedro e Emily Ducta, com a família, (acima) construíram esta casa, depois de um tufão ter destruído a antiga. Malou, a terceira da esquerda para a

direita, é a filha mais velha. Uma família do Ramo de Pateros (à esquerda) volta para casa, depois das reuniões dominicais, no seu "tríciclo".



Horas atrás, Malou e a família tinham abandonado sua casinha de folhas de nipa e madeira, às margens do mar, perto da cidade de Sorsogón. Haviam andado com água gelada até o peito e em meio a escombros enlameados, até alcançar a casa de um amigo, que ficava num lugar alto.

Agora, ainda com tumulto lá fora, Malou continuava orando. Subitamente lembrou do seu caderno da faculdade! Como pudera esquecê-lo? Enfiado dentro da capa estava o dinheiro que ela ganhou de uma bolsa de estudos da Igreja, e que seria usado para pagar seus exames finais. Com ele, poderia fazer os exames e formar-se. Sem ele, seus sonhos de formatura e de obter um emprego para ajudar a sustentar a família viriam abaixo, como uma pequena choupana feita de nipa durante uma tempestade.

“Eu estava orando como se estivesse conversando com um amigo, e disse ao Senhor: ‘O dinheiro é teu, e tu sabes que se eu o perder, não poderei me formar na faculdade.’ Continuei orando, pedindo ao Pai Celestial que o salvasse para mim.”

Às 2 horas da madrugada os homens se aventuraram a sair. “Eles descobriram que não havia mais casas perto da praia”, diz Malou. Em lágrimas, todos correram para ver. “Todas as casas foram destruídas. Todas se foram.”

A praia ficou cheia de entulhos e de corpos de pessoas e animais que morreram durante a tempestade. “Ficamos agradecidos por ninguém de nossa família ter morrido”, diz ela. “Salvamos apenas nossa vida e as roupas que estávamos usando. Consolei-me com a perda do

dinheiro, porque não passava de dinheiro.”

As pessoas começaram a cavar na areia e na lama, tentando salvar o que fosse possível. “Um dos meus primos gritou para mim: ‘Olhe, achei seu caderno!’ Corri e peguei-o. Estava molhado, mas todo o dinheiro estava lá!”

Ao recordar o acontecido, Malou começa a chorar de novo. “O Pai Celestial realmente conhece minhas necessidades.”

Os únicos outros pertences recuperados pela família de Malou foram algumas fotos insubstituíveis — fotos de seus pais quando jovens, uma da família, vestida de branco, no dia do seu batismo; outra no dia de seu selamento, no Templo de Manila.

Depois do tufão de 1987, Malou se formou em contabilidade e cumpriu missão. Com fundos e materiais doados, a família construiu uma casa nova, no mesmo lugar, à beira-mar, pois não possuem dinheiro para comprar terreno em outra parte. As fotos manchadas pela água e o diploma da faculdade foram emoldurados e pendurados na parede. “Foi um milagre, uma grande lição para nós”, declara a jovem.

“PODÍAMOS TER SALVO AQUELE BEBÊ”

“Quando me casei”, diz Consolación Pilobello, da cidade de Pasay, “não sabia cozinhar e era muito supersticiosa para ir a um médico e fazer um exame pré-natal. Nosso primeiro filho morreu.”

Ela começa a chorar. “Se eu fosse membro da Igreja, naquela época, poderíamos ter salvo o bebê!”

Depois do batismo ela aprendeu,

na Sociedade de Socorro, coisas como purificação da água, higiene, nutrição, primeiros socorros e imunização. Aprendi a cuidar de meus filhos, de mim mesma e de minha família”, diz ela. Os outros sete filhos que teve foram saudáveis. Atualmente ela é líder de economia doméstica na ala, ensinando o que aprendeu, e cozinha para o bem sucedido negócio da família, que fornece alimento para festas.

“QUE TIPO DE RESTAURANTE É ESTE?”

Jovencio Ilagan sorri ao contar que não estava interessado, e só pretendia fingir que concordava com as missionárias que bateram à sua porta. “Eu não era uma pessoa muito religiosa”, diz ele, “mas comecei a ler o Livro de Mórmon e, ao chegar em Alma, senti aquele calor que nos invade quando o Espírito Santo presta testemunho.” Jovencio, Zenaida e os seis filhos em idade de batismo, marcaram a data do batismo.

Três dias antes, porém, “tive uma reunião com alguns antigos colegas que gostavam de beber”, diz ele. “Eles me persuadiram a tomar cerveja em sua companhia.”

Jovencio contou às missionárias o que havia feito. “Tenho certeza de que elas ficaram muito desapontadas. Dei-lhes permissão para batizar minha mulher e meus filhos, assegurando-lhes que haveria de segui-los mais tarde, mas o sábio líder do distrito disse que não. Sofri uma pressão tremenda! Lá estava minha família e não podia ser batizada! Como lutei!” Uma semana mais tarde foram todos batizados.

Logo Jovencio se tornou presidente dos Rapazes e Zenaida

presidente da Sociedade de Socorro. Já ocuparam vários cargos, e ele foi representante regional e presidente de missão.

A vida da família Ilagan mudou de muitas maneiras diferentes. “Possuímos um serviço de processamento de dados”, diz ele, “e muitas vezes tínhamos de trabalhar aos domingos para atender a todas as nossas obrigações, mas depois que nos filiamos à Igreja decidimos que não mais o faríamos. Perdemos alguns clientes, mas o que passamos a ganhar durante os seis dias da semana foi muito mais do que o que costumávamos ganhar trabalhando horas extras, sete dias por semana.”

Eles tiveram a oportunidade de abrir um restaurante, enquanto ainda operavam o serviço de processamento de dados. “Nunca abrimos aos domingos. Nunca servimos cerveja, café, cigarros ou qualquer outra coisa que contrariasse a Palavra de Sabedoria. Alguns freqüentes diziam: ‘Que tipo de restaurante é este?’ e saíam! Apesar disso, tínhamos um bom ambiente familiar e atingimos um mercado diferente.”

Poucos anos mais tarde eles venderam o restaurante com lucro. Jovencio aceitou o emprego de gerente do centro de distribuição da Igreja, em Manila. Mais tarde trabalhou no Departamento de Registros de Membros e Estatística, e no de processamento de dados. Atualmente é gerente de área do Departamento de Materiais.

“O evangelho mudou completamente a vida de meu marido”, diz irmã Ilagan. “Trouxe uma paz nunca antes experimentada e surgiu em nossa vida bem na hora de ser aproveitado por nossos filhos.”



Consolación Pilobello (acima) é líder de economia doméstica da ala; seu marido, Isidoro, é patriarca. Jovencio e Zenaida Ilagan (no centro) foram o segundo casal filipino a ser chamado para presidir uma missão. Lindo Casinillo (à direita) diz que ter fé é “encontrar uma forma de obedecer”. Outros membros contam como foram protegidos das lavas do Vulcão Mayon.



Vários deles cumpriram missão e se casaram no templo.

PERLA, O PRESIDENTE E A BICICLETA

Quando Perla obteve um testemunho do Livro de Mórmon, desejou ser batizada, mas seus pais não o permitiram. Ela já estava com vinte e oito anos e não precisava da permissão deles, mas não queria magoá-los. Acabou se batizando, depois de confeccionar suas próprias vestes batismais em crochê.

Seu próximo dilema foi como pagar o dízimo. Era professora do curso primário havia anos, e como era a única fonte de arrimo da família, sempre entregava todo o dinheiro ganho ao pai. Depois de batizada sentiu que não podia ficar com o cheque, nem tirar dele o dinheiro do dízimo. Em vez disso, começou a fazer crochê para fora depois das aulas, pagando integralmente o dízimo referente às duas atividades.

Tendo cumprido uma missão em Manila, Perla voltou a ensinar e ficou conhecendo Luciano de Guzmán, um solteirão de quarenta e sete anos que também era professor do curso. Ele estudou o evangelho e foi batizado. Casaram-se e hoje têm duas filhas, Rute e Ester.

Oito anos depois do batismo, Luciano foi chamado como presidente da Estaca Lingayen. Como a maioria dos líderes da Igreja nas Filipinas, o presidente de Guzmán não tinha carro nem telefone, e o dinheiro que ganhava para transporte era limitado, mas possuía uma bicicleta e, aos cinquenta e nove anos usa-a para ir às reuniões e desempenhar outras

designações, gastando três horas em cada viagem de ida e volta. Leva consigo um saquinho com lanche, porque, como diz, “não gosto de incomodar os membros, almoçando na casa deles”.

Pedalar nas estradas congestionadas das Filipinas pode ser perigoso, mas: “Como estou a serviço do Senhor, ele me protege.” Certa vez um ônibus estava ultrapassando um jipe, e o presidente — de bicicleta — ficou preso no meio. “Todos pensaram que eu ia ser esmagado”, diz ele. “Então, foi como se uma ventania muito grande me levantasse, tirando-me do caminho do ônibus. A bicicleta não ficou destruída, nem eu fiquei ferido. Todos se surpreenderam ao me verem vivo. Eu também fiquei surpreso!”

“OUVI A VOZ DE UM BEBÊ”

Para poder chegar à casa de um só aposento da família Monares, na cidade de Cebu, é necessário percorrer um emaranhado de vielas estreitas e congestionadas. Quando se entra no pequeno aposento, a primeira coisa que se vê é um cartaz da Igreja.

A prateleira de um pequeno armário está repleta de exemplares novos do Livro de Mórmon, para serem doados. “Nosso filho está na missão”, explica Santos Monares.

O irmão Monares compra e vende mercadorias na rua, esperando com isso obter dinheiro para alimentar a família. Quando ele e a mulher, Julieta, começaram a falar sobre a ida ao templo, Julieta não quis iludir-se com esperanças falsas. Ela achava inútil até mesmo tentar economizar o dinheiro para a viagem de barco. Logo depois, o





O Presidente de Guzmán (acima) se despede de Perla e das filhas, Rute e Ester, ao sair de bicicleta para atender a uma designação da Igreja. Santos e Julieta

Monares, e duas filhas, Hazel, 14 anos, e Vicenta, 20 anos, dizem que esqueceram todos os problemas do mundo exterior ao entrarem no templo.





Ellen e César Dichoso (acima) se casaram no Templo de Manila, onde as sessões são apresentadas em sete línguas. Membros do Ramo Rosario saem de casa a uma hora da noite para irem de jipe

(à esquerda) para o templo. Há dias em que são tantas as pessoas que desejam assistir às sessões, que os membros têm de esperar de duas a três horas.

irmão Monares ficou doente por um bom tempo, mas, de alguma forma, eles conseguiram uma quantia suficiente para a viagem deles e de quatro filhos.

Quando a irmã Monares foi ao mercado comprar alimento para a viagem, alguém roubou todo o seu dinheiro e ela novamente se viu tentada a desistir, mas os fundos de jejum ajudaram a pagar o alimento e eles puderam ir ao Templo de Manila, em abril de 1990.

"No templo nos esquecemos de todos os problemas do mundo exterior", diz o irmão Monares.

Vicenta, a filha de vinte anos de idade, concorda. "Quando estávamos sendo selados ao meu irmão que faleceu logo depois do nascimento ouvi a voz de um bebê!" Para ela, foi um testemunho de que ele estava aceitando a ordenança.

"O SENHOR SABE QUANDO ESTAMOS FAZENDO TUDO O QUE PODEMOS"

Quando apresentado à Igreja, Lindo Casinillo, de dezoito anos de idade, não falava nem entendia inglês, mas como o Livro de Mórmon não fora traduzido para o Cebuano, leu-o em inglês mesmo. "Continuei lendo, embora não o entendesse", diz ele. "Li até *conseguir* entender." Hoje, poucos anos mais tarde, ele já o leu sete vezes, de capa a capa. Seu inglês é fluente.

Depois da missão, Lindo ficou desempregado por mais de um ano: quando conseguiu um emprego o salário era baixo, mas sempre pagou o dízimo integralmente. "Eu sabia que para o Senhor não importava a quantia que eu pagava, mas a fé que demonstrava ao fazê-lo."

Ainda solteiro, foi chamado como presidente do ramo. "Eu tinha que estar na igreja muito cedo, nos domingos de manhã, mas não tinha despertador. Nas noites de sábado para domingo não usava mosquiteiro para que os pernilongos me mordessem e eu me levantasse cedo. Pode parecer uma tolice, mas funcionava. Nunca cheguei atrasado."

Certa ocasião, ele e o secretário financeiro do ramo trabalharam durante sete horas, sem parar, tentando corrigir um erro num relatório. Quando o secretário saiu para jantar, diz Lindo: "Lembrei que não oramos antes de começar, portanto me ajoelhei e pedi perdão ao Pai Celestial por não o termos feito. Pedi-lhe ajuda e quando terminei, peguei de novo os papéis e imediatamente descobri a solução."

Quando Lindo e Annabelle decidiram casar, ele não ganhava o suficiente para sustentar uma família. No começo seus pais, também membros da Igreja, hesitaram em permitir o casamento. "Eu lhes prometi que faríamos o melhor possível para seguir os mandamentos, e que o Senhor nos abençoaria. Eles decidiram confiar em mim."

Annabelle tinha um bom emprego num centro médico, "mas o profeta disse que, se possível, a mãe não deve trabalhar fora. Decidimos confiar no conselho dos líderes", declara o irmão Lindo. Eles foram abençoados com um filho, Kahirhan, e atualmente irmão Lindo tem um bom emprego e vivem num belo apartamento.

Com espaço e recursos limitados, não é fácil ter uma horta ou suprimento de alimentos, mas "o

bispo nos disse que não importa se temos um lugar para plantar; o que importa é descobrir um modo de obedecer ao princípio", diz ele. Portanto, tratou de improvisar. "Comprei madeira e fiz uma caixa. Depois fui diversas vezes de ônibus ao campo e trouxe pacotes de terra. Plantei algumas hortaliças."

Por ocasião do terremoto de 1990, ficaram felizes por terem guardado um pouco de arroz e outros alimentos enlatados num armário. Embora o edifício de apartamentos no qual moravam fosse destruído, salvaram parte do alimento armazenado.

"Fazemos o melhor que podemos", diz modestamente. "O Senhor sabe quando estamos fazendo o possível."

"UM POVO QUE CRÊ"

Isidoro B. Pilobello é patriarca da estaca e selador no templo. "Às vezes, fico abismado", diz ele, referindo-se às bênçãos prometidas a seus irmãos santos dos últimos dias nas Filipinas, em suas bênçãos patriarcais.

"Os filipinos são um povo que crê," diz o Élder George I. Cannon, dos Setenta, que recentemente serviu nas ilhas como Presidente de Área. "São um povo espiritual, e estão procurando meios de melhorar. Eles vêem a Igreja como o lugar ideal para obter resposta para suas perguntas."

Por sua fé em Jesus Cristo, estão encontrando tais respostas. □

Marvin K. Gardner, editor administrativo assistente das revistas internacionais da Igreja, serve como bispo da Ala Bountiful 16, Estaca Bountiful Utah Heights.

Como o Evangelho Ajuda

Parece que estamos sempre ouvindo falar desta pequenina nação. Os filipinos parecem enfrentar um desafio dramático após outro.

O evangelho está fazendo diferença na vida deles? Em que sentido?

CALAMIDADES NATURAIS

Os filipinos podem esperar cerca de vinte tufões por ano, alguns dos quais acompanhados de chuvas, ventos e inundações catastróficas. Seus vulcões ativos ocasionalmente lançam lavas destrutivas. Os terremotos são freqüentes. Em 1988, três tufões e dois terremotos de vulto atingiram a área, num período de seis semanas.

Como o Evangelho Ajuda:

- As capelas SUD se tornam centros de atividade, onde as vítimas — independentemente de religião — podem receber alimento, abrigo e cuidados médicos, e apoio emocional e espiritual.

- A Igreja tem distribuído sementes e outros suprimentos aos agricultores que perderam suas colheitas nas inundações.

- Os quoruns do sacerdócio e as tropas de escoteiros têm recolhido material e ajudado a reconstruir as casas destruídas nos terremotos e tufões.

- Durante uma seca severa e falta de energia elétrica, em março de 1990, os membros realizaram um jejum, pedindo chuva. Choveu no dia seguinte.

PROBLEMAS ECONÔMICOS

A nação está num período de recuperação econômica, mas o

progresso é lento. A renda anual per capita é equivalente a 731 dólares. Quando se pergunta aos líderes da Igreja qual o maior desafio dos membros, a resposta mais comum é: "A sobrevivência — o problema de ter o que comer no dia-a-dia." As famílias filipinas em geral são numerosas, com parentes freqüentemente vivendo na mesma casa, ajudando-se nas épocas de desemprego ou outras necessidades materiais. É comum encontrar nessas casas só um arrimo de família — às vezes um adolescente.

Os filipinos possuem um alto nível de alfabetização — cerca de 88 por cento. O estudo universitário é alta prioridade, mas o desemprego é um problema assustador, mesmo para os universitários formados.

Como o Evangelho Ajuda:

- Os líderes da Igreja ensinam a lei do jejum — incluindo ofertas.

- Lições sobre autoconfiança são ensinadas em cada ala — aulas com tópicos como saúde, nutrição, higiene e orçamento.

- Casais missionários estão servindo como especialistas em trabalho, ajudando os membros a encontrar emprego ou arranjar um emprego melhor.

- Os líderes incentivam os membros a se inscreverem em classes vocacionais patrocinadas pelo governo na comunidade, oferecendo até bolsas de estudo para tais programas.

- Alguns membros estão formando cooperativas para manufaturar mercadorias, tais como cestos de vime, móveis e blocos de concreto.

- Muitas capelas possuem hortas, não só para as necessidades

imediatas dos membros, mas também para o ensino de horticultura.

- Todas as capelas têm máquina de costura, e aulas de costura são administradas regularmente nas reuniões de economia doméstica da Sociedade de Socorro. As irmãs aprendem a costurar para suas famílias; algumas também suplementam o salário da família com esses serviços.

AGITAÇÃO POLÍTICA

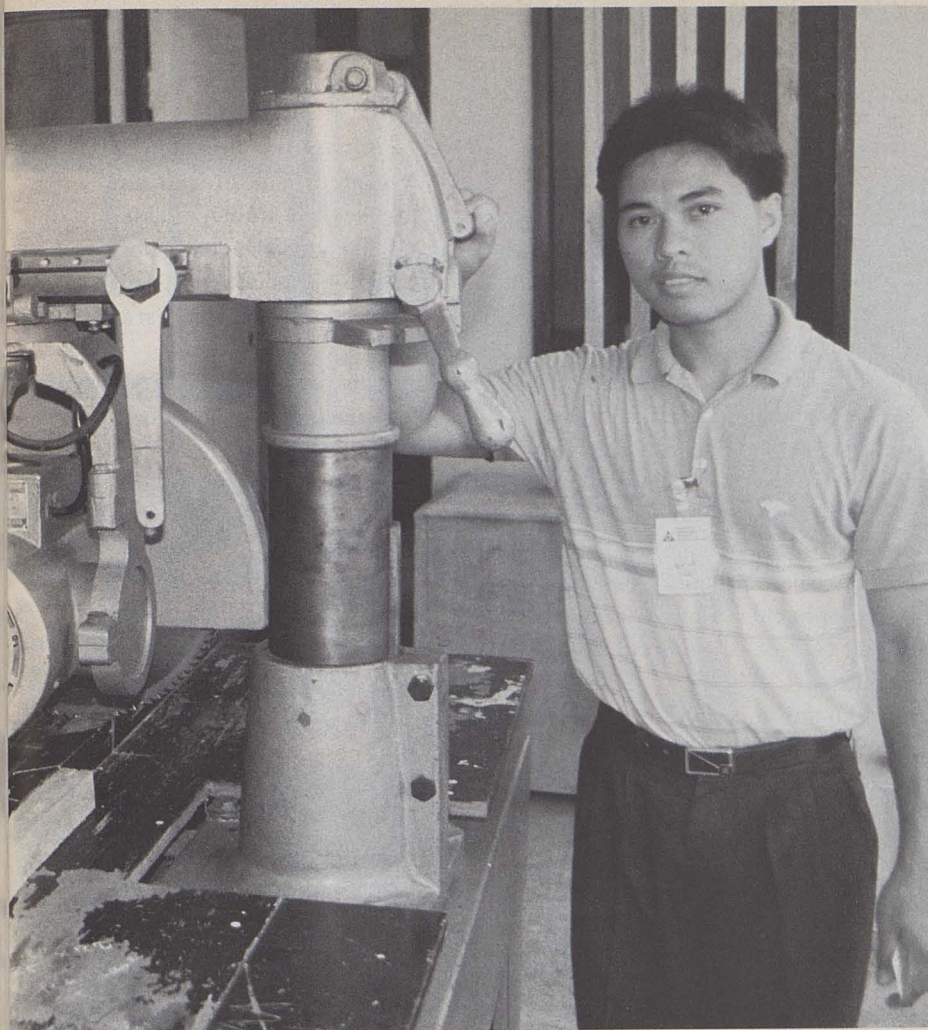
As ilhas Filipinas foram dominadas pelos espanhóis, de 1521 a 1898; houve depois a ocupação norte-americana, que durou até 1946. Tendo-se tornado uma república independente, a nação tem sofrido agitações políticas contínuas. Vários grupos de oposição continuam a desafiar ativamente o governo, criando muita tensão e inquietude.

Como o Evangelho Ajuda:

- A Igreja incentiva os santos a obedecer, honrar e manter a lei (Vide 12ª Regra de Fé.)

- Muitos membros tentam afastar-se dos problemas e submetem-se a inconveniências como toques de recolher e barreiras nas estradas.

- Durante o atentado de dezembro de 1989, membros e não-membros da Ilha de Mactan foram levados para uma capela em Cebu, onde membros da Igreja lhes deram alimento e transmitiram coragem. "Esta experiência nos fortaleceu — os membros e os líderes", diz Remus Villarete, representante regional em Cebu. "Os membros convidaram os não-membros para uma reunião de testemunho no domingo seguinte, para expressarem seus sentimentos,



Os líderes da Igreja nas Filipinas incentivam os jovens a fazerem cursos vocacionais patrocinados pelo governo. Benjamin Josol Jr., ex-missionário,

hoje com mulher e filho, freqüenta um desses cursos, com vinte e dois colegas, quinze dos quais são membros da Igreja.

e alguns membros menos ativos se reativaram.”

• Os membros prestam testemunho de que o Senhor os protege. Alguns contam como escaparam ilesos de tiroteios; outros relatam como foram confortados, depois da morte de entes queridos. Em dezembro de 1989, tropas rebeldes tentaram entrar no templo, mas os oficiais os persuadiram a não o fazer. Em vez de entrarem no templo, esconderam-se durante algum tempo num edifício anexo. Durante o conflito, o exterior do anexo sofreu danos superficiais, e o alojamento dos usuários do templo foi seriamente danificado, mas, miraculosamente, o templo permaneceu ileso.

PROBLEMAS DE LINGUAGEM

Oitenta e sete línguas nativas e dialetos são falados nesta pequena nação. O inglês, uma segunda língua usada por metade da população, é uma influência unificadora. Seu uso, porém, é limitado, e alguns membros mencionam as dificuldades com a língua como razão para não participarem ativamente da Igreja. Muitos missionários, mesmo alguns filipinos, têm de aprender uma nova língua para poderem comunicar-se livremente.

Como o Evangelho Ajuda:

• Os membros são incentivados a falar sua própria língua nas reuniões. Na maioria das vezes, as lições e discursos são uma mistura de inglês e da língua nativa local.

• O Livro de Mórmon e outros materiais da Igreja estão sendo traduzidos nas oito línguas mais comuns da região. □

Um Milhão de Santos dos Últimos Dias nas Filipinas

Atualmente, há mais de 250.000 membros da Igreja nas Filipinas, e o número de membros dobra a cada quatro anos. No fim da década de 90, provavelmente teremos um milhão de santos dos últimos dias nas ilhas.

Por que um crescimento tão fenomenal? Um dos motivos é que, ao contrário de seus vizinhos asiáticos, esta é uma nação cristã. Como resultado de quatro séculos de domínio espanhol e americano, mais de 90 por cento das pessoas já são cristãs. E, diz o Élder L. Lionel Kendrick, Presidente da Área: “É um povo espiritualmente sensível, receptivo e que crê.”

Outra razão, porém, é que é da natureza do filipino compartilhar o que possui. “Todos têm amigos ou parentes não-membros para ensinarmos”, diz um missionário. “A maior parte das referências nos são dadas pelos membros.”

“Controlamos tal rapidez no crescimento, concentrando nossa atenção nas famílias”, diz o Élder George R. Hill III, membro do Segundo Quorum dos Setenta, que antes fazia parte da Presidência de Área. Aos missionários de tempo

integral é pedido que usem 30 por cento do tempo no trabalho de reativação e liderança. Mesmo assim, o número de batismos continua a crescer.

O que há por trás deste crescimento?

- Em 1945, durante a Segunda Guerra Mundial, foram organizados ramos com membros das forças armadas. Maxine Grim, membro da Igreja que servia na Cruz Vermelha, apresentou o evangelho à sra. Aniceta Fajardo, que foi batizada. Ela é conhecida como a primeira pessoa a ser convertida nas Filipinas.

- Durante o conflito na Coreia, em 1953, os soldados americanos voltaram, e um distrito de militares foi novamente organizado.

- Em 1955, o Presidente Joseph Fielding Smith dedicou as Filipinas para a pregação do evangelho, mas a obra missionária não pôde ser iniciada em seguida, devido a restrições na obtenção de vistos.

- No dia 28 de abril de 1961, o Élder Gordon B. Hinckley se reuniu com um grupo de membros da Igreja, no Cemitério de Forte McKingley War Memorial, em Manila, e proferiu uma oração especial em benefício da obra. Os missionários chegaram uma semana mais tarde. Rubén Gápiz, hoje presidente de missão, foi um dos primeiros membros da Igreja nas

Filipinas. “Quando o Presidente Hinckley proferiu sua oração no cemitério”, declara Rubén, “disse que muitos filipinos seriam batizados e se tornariam líderes da Igreja. Foi uma oração profética. Isso está acontecendo.”

- Num país de apenas 300.000 quilômetros quadrados, temos doze missões da Igreja. Mais de 1.250 dos 1.650 missionários de tempo integral são filipinos. Cinco presidentes de missão e os sete representantes regionais são filipinos. Trinta e nove das quarenta estacas e os sessenta distritos de missão têm presidentes filipinos.

- 15.000 pessoas estão atualmente registradas nos programas de seminário e instituto.

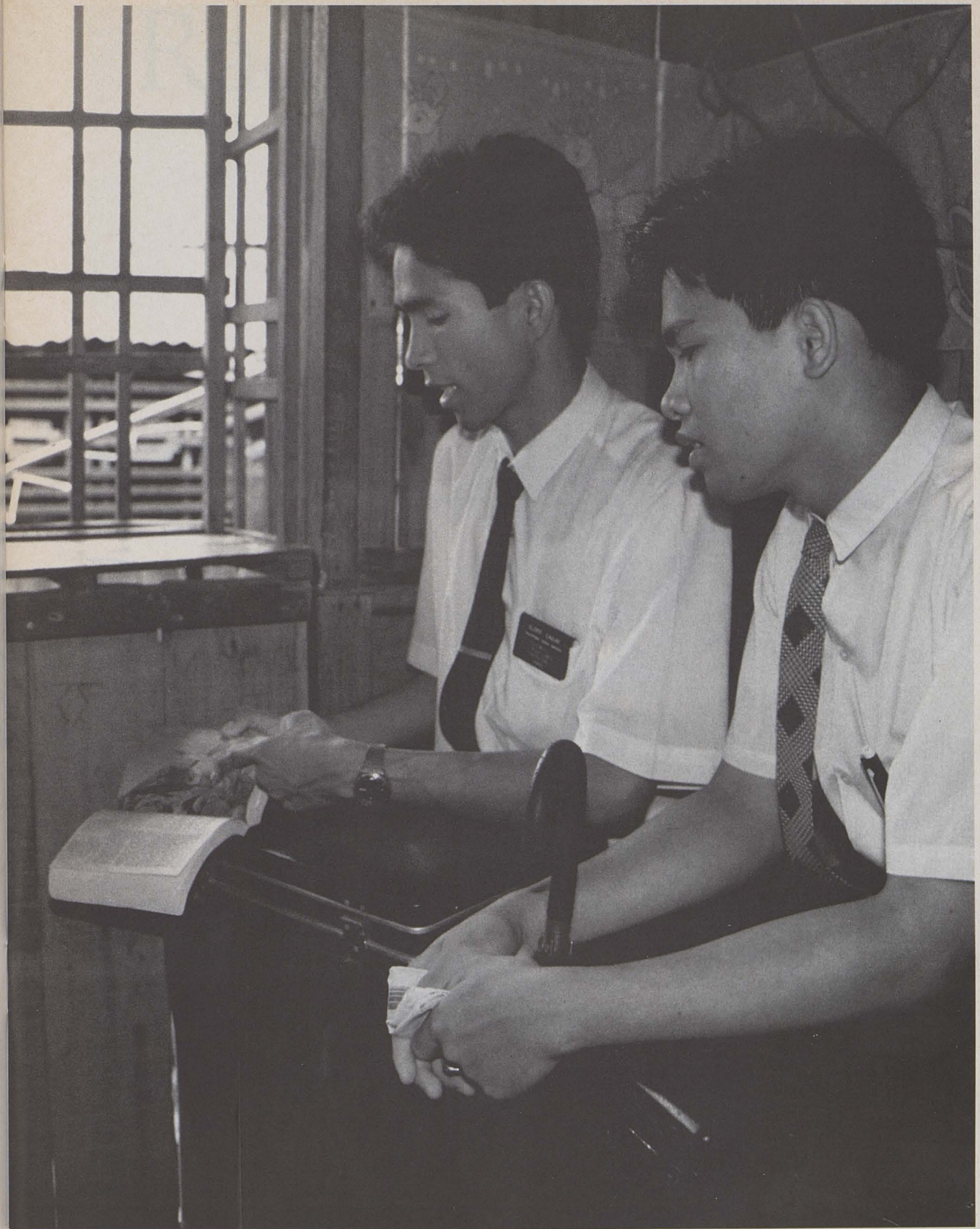
- Manila conta com um Centro de Serviços de História da Família, e quase todas as estacas e alguns distritos têm um Centro de História da Família.

- Oitenta casais missionários foram designados para ajudar a treinar líderes novos e inexperientes nas doze missões.

- A Igreja está construindo pequenas capelas, com material nativo, a um preço muito inferior ao das capelas-padrão. Os membros aceitam a mudança com alegria; o transporte é caro e essas capelas são construídas perto de suas casas. □

Como muitos outros missionários locais, élder Dominador Caday Jr. (à esquerda), e élder Restituto Bajarín, da Missão Davao, são

conversos recentes, cujos pais não são membros. A maioria dos missionários das doze missões das Filipinas são nativos.





Radmila Ranovic

Descobrir por Si Mesma

Kenneth S. Rogerson

Radmila Ranovic não imaginava que, ao decidir ficar com os pais na Suíça, em vez de ir para a escola da Iugoslávia, sua vida mudaria.

Radmila estava com quatorze anos de idade quando sua família mudou da Iugoslávia para a Suíça. Ela achava que não faria diferença ir para a escola na Suíça ou na Iugoslávia, mas quatro anos depois, na Suíça, os missionários da Igreja bateram à sua porta.

“Como eu era filha única, meus pais não queriam mandar-me de volta para a Iugoslávia”, diz Radmila. “Quando me lembro daqueles anos, acho que o Pai Celestial desejou que eu ficasse na Suíça. Eu estava sendo preparada para receber o evangelho.”

Radmila nasceu em Sarajevo, na Iugoslávia central, e na escola ensinaram-lhe que não havia necessidade de religião. O pai não acreditava em Deus, e a mãe não era membro ativo da igreja à qual pertencia. “Eu nem sabia o que era Bíblia”, diz ela, sorrindo. “Tinha ouvido falar em Davi e Golias, mas pensava que fossem personagens da mitologia grega ou romana.”

Na escola da Suíça, porém, Radmila conheceu pessoas ativas em sua fé religiosa e principiou a fazer a si mesma perguntas sobre Deus, Jesus Cristo e o propósito da vida. Foi nessa época que começou a corresponder-se com uma jovem que lhe fora indicada por uma organização finlandesa. A jovem era da Nova Zelândia, membro da Igreja, e embora nunca mencionasse religião em suas cartas, disse a Radmila que tinha amigos na Suíça que gostariam de visitá-la. Radmila ficou muito contente.

Pouco mais tarde, em setembro de 1974, quatro

rapazes bem vestidos bateram à sua porta. Radmila disse-lhes: “Oh, sim, tenho aguardado vocês. Entrem!” Ela sorri ao lembrar a expressão de contentamento no rosto deles, ao lhes dar as boas-vindas.

Quando compreendeu que eles nunca estiveram na Nova Zelândia e que representavam a Igreja “Mórmon”, disse-lhes que não estava interessada na mensagem. Ficou surpresa ao ver que gentilmente se dispunham a deixar a casa. Quando estavam saindo, um dos missionários perguntou: “A propósito, conhece Kresimir Cosic?”

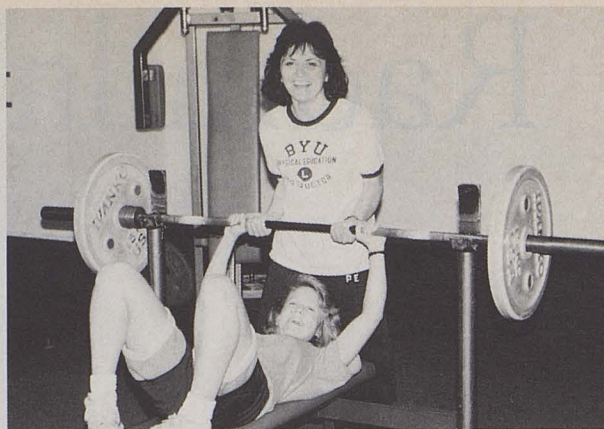
Bem, isso mudou tudo. “Todos na Iugoslávia conhecem Kresimir”, respondeu ela. “Ele é um atleta, um verdadeiro herói na Iugoslávia.”

No início da década de 1970, Kresimir Cosic jogou basquetebol para a Universidade Brigham Young e foi batizado na Igreja. Voltou para a Iugoslávia, onde jogou no time nacional de basquetebol, ajudando-o a vencer o campeonato mundial e uma medalha de ouro nas Olimpíadas de 1980.

“Fiquei imaginando como os missionários sabiam dele”, diz Radmila. Enquanto falavam sobre o irmão Cosic, os missionários mencionaram o relacionamento dele com a Universidade Brigham Young e a Igreja. Eles convidaram Radmila para uma apresentação no ramo local, e ela concordou em ir.

Quando Radmila entrou na pequena capela no subsolo de um edifício de apartamentos, a primeira coisa

Desde o momento em que foi convertida, Radmila nunca mais teve vontade de fumar. Agora está terminando os estudos de fisioterapia na Universidade de Brigham Young.



que notou foi um cartaz que dizia: A Glória de Deus é Inteligência.

“Aquilo me impressionou de imediato”, diz ela. “Sempre me ensinaram que as pessoas religiosas não eram inteligentes e que nem mostravam o desejo de aprender. Eu queria aprender.” A apresentação era sobre o Livro de Mórmon e afirmava que podia aprender por mim mesma se aquilo que ouvia era verdadeiro”, lembra Radmila. “Eu não precisava que ninguém me dissesse que era verdade. Podia estudar e eu mesma perguntar a Deus.”

Ela aceitou o Livro de Mórmon em alemão e levou-o para casa, pondo-o numa estante.

Poucos meses depois, na época do Natal, Radmila começou a ouvir mais sobre Jesus Cristo. Havia programas na televisão sobre sua vida, e as pessoas começaram a falar mais sobre ele. Ela quis aprender a respeito dele e lembrou-se do Livro de Mórmon. Começou a lê-lo. “Não consegui compreender nada”, lembra ela. “Não que o alemão fosse muito difícil para mim, mas eu não podia compreender palavras como *arrepentimento*, porque nunca as ouvira antes.”

Ela decidiu pedir ajuda aos missionários. Nesse meio tempo, dois novos missionários estavam orando, pedindo inspiração para saberem quais pesquisadores de sua lista deveriam visitar. Ambos sentiram que Radmila precisava deles. Quando bateram à sua porta, ela, abrindo-a, disse: “Entrem, eu os aguardava.”

Radmila ainda não queria ouvir as palestras, mas marcou um horário para estudar com os rapazes. Lia dez capítulos do Livro de Mórmon por semana, escrevia suas idéias e depois as discutia com eles.

“Os missionários foram pacientes com minhas perguntas, muitas vezes impertinentes”, declara. “Certa vez eu lhes disse que não entrassem, pois não lera

naquela semana. Eles sugeriram que lêssemos juntos. Começamos a ler Amon e então eles disseram que deviam ir embora. Eu não podia acreditar. Pela primeira vez, eu estava começando a sentir o Espírito e a ficar entusiasmada com o livro. Assim que eles saíram, fui para o quarto e terminei a história.”

Então Radmila começou a orar sobre o Livro de Mórmon. Certo dia, ao ler, em 3 Néfi, a visita do Salvador ao continente americano, subitamente sentiu com muita força que tudo aquilo havia realmente acontecido. Soube que o Salvador era real, e que já não o podia negar. “Tudo fazia sentido”, diz ela. Quando os missionários voltaram, ajudaram-na a compreender como o Espírito Santo responde às orações, e aceitou o desafio batismal. “Agora”, disseram os missionários, “Ihe ensinaremos as palestras.”

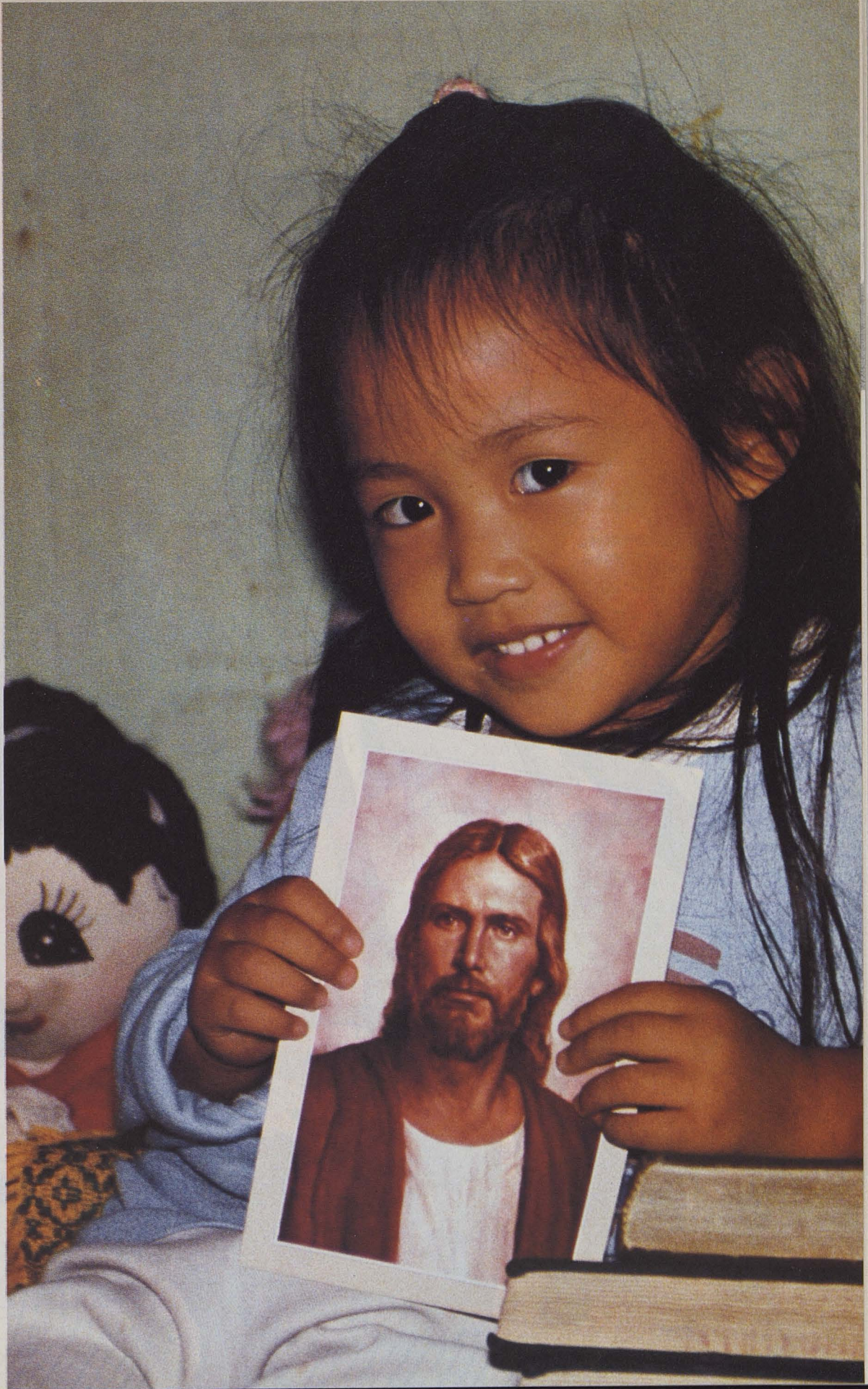
“Como eu já sabia que tudo era verdadeiro, aceitei todos os mandamentos — dízimo, Palavra de Sabedoria, tudo — desde o início”, diz Radmila. “Por exemplo, daquele momento em diante nunca mais tive desejo de fumar.”

Radmila foi batizada no dia 22 de fevereiro de 1975, em Zurich, Suíça. Mais tarde mudou-se para Belgrado, na Iugoslávia, onde a Igreja estava em processo de organização. Em 1981 cumpriu missão em Montreal, no Canadá, e foi a primeira missionária da Iugoslávia a ser chamada. Agora está terminando um curso de especialização em fisioterapia, na Universidade Brigham Young, Provo, Utah. Ajuda a traduzir materiais da Igreja para o servo-croata, a língua nacional da Iugoslávia.

Ao olhar para trás, Radmila sente que o Pai Celestial realizou muitos milagres em sua vida. Houve tempo em que ela duvidava da existência de Deus. Hoje sabe que Deus a ama e deseja servi-lo de todo o coração. □

SEÇÃO INFANTIL.

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • SETEMBRO DE 1991



BRIGHAM YOUNG



NG TRABALHADOR

Kellene Ricks



ILUSTRADO POR PAUL MANN

2.



3.

1. Brigham Young criou-se no nordeste dos Estados Unidos, durante os primeiros anos de 1800. Seus pais e onze filhos trabalhavam arduamente para desmatar as terras e formar a fazenda da família.
2. Brigham não frequentou uma escola formal. Em lugar disso, ajudava o pai a cortar lenha, juntar e queimar arbustos, rolar toras e remover terra. Não era um trabalho fácil, mas Brigham gostava de ajudar o pai.
3. Ele também gostava de ajudar a mãe. Ela o ensinou a fazer pão, lavar pratos, ordenhar a vaca e fazer manteiga. Quando já era grande, Brigham dizia ser capaz de derrotar muitas mulheres nos serviços caseiros!
4. Quando Brigham era menino, seus amigos usavam chapéu, estivessem trabalhando, brincando, pescando



4.



5.



6.



7.

ou indo para a igreja. Brigham também queria um chapéu, mas sabia que a família não tinha dinheiro para comprar-lhe um.

5. Então Brigham aprendeu a trançar palha e fazer seus próprios chapéus! Ele os usava no verão, quando fazia calor.

6. Quando ficava mais frio, ele usava um chapéu mais quente, que suas irmãs lhe fizeram.

7. O trabalho da fazenda era difícil, mas Brigham gostava de trabalhar duro. Ele compreendia que seria julgado por suas próprias obras e ações. Não ter medo de trabalhar arduamente ajudou Brigham a cumprir seu chamado como segundo Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. □

SERVOS OBEDIENTES DE DEUS

Laurel Rohlfing

“Bem-aventurados os que ouvem a palavra de Deus e a guardam.” (Lucas 11:28.)



O rei Nabucodonosor, da Babilônia, mandou fazer uma imagem de ouro e ordenou ao povo que a adorasse. Quem não se curvasse e adorasse a imagem,

devia ser lançado numa fornalha ardente.

Sadraque, Mesaque e Abednego eram servos fiéis de Deus e informaram ao rei que não se ajoelhariam, nem adorariam ninguém, além do Pai Celestial. Prestaram testemunho ao rei e disseram: “O nosso Deus a quem servimos é que nos pode livrar; ele nos livrará do forno de fogo ardente”, acrescentando que mesmo que Deus não quisesse livrá-los, “não serviremos a teus deuses nem adoraremos a estátua de ouro que levantaste.” (Daniel 3:17-18.)

O rei Nabucodonosor ficou irado e ordenou que a fornalha fosse aquecida ao máximo, e que Sadraque, Mesaque e Abednego fossem lançados nela. O fogo era tão quente que matou os fortes soldados que os lançaram lá dentro. Quando o rei examinou a fornalha, ficou assombrado de ver os três homens andando de lá para cá — e com eles estava uma quarta pessoa que parecia “o filho dos deuses”. (Daniel 3:25.)

Quando os três saíram da fornalha, o rei viu que nem seus cabelos nem suas roupas estavam sequer chamuscadas. Eles nem mesmo cheiravam a fogo. O rei então ordenou que todo o povo respeitasse ao Deus de Sadraque, Mesaque e Abednego.

Por esta experiência, Sadraque, Mesaque e Abednego certamente adquiriram mais convicção ainda de que Deus vivia e zelava por eles. Assim como esses obedientes servos de Deus, nós podemos fortalecer nosso testemunho, obedecendo aos mandamentos do Pai Celestial e vivendo como ele quer que vivamos.

Instruções

Leia cada série de adivinhações sobre personagens das escrituras, cujo testemunho era forte porque obedeciam aos mandamentos de Deus. Assim que souber quem é, escreva o nome da pessoa no espaço apropriado. Cole as figuras sobre cartolina, recorte-as e cole cada uma a uma vareta. Use as figuras para repetir as adivinhações para seus amigos e familiares.

Idéias para o Tempo de Compartilhar

1. Divida as crianças em grupos e deixe que dramatizem histórias escriturísticas de homens e mulheres que foram servos obedientes de Deus. Prepare sacolas com apetrechos simples, que sirvam para caracterizar cada história.
2. Fale de regras e leis a que devemos obedecer na família, na escola e no país. Crianças menores poderiam contar como foram obedientes durante a semana e fazer um desenho.
3. Cite Doutrina e Convênios 82:10. Para ilustrar, explique diversas leis da natureza. Por exemplo, deixando cair um objeto ele sempre vai para o chão; ou se esfregarmos as mãos com vigor, elas sempre ficarão mais quentes. O resultado será sempre o mesmo. Quando obedecermos às leis ou mandamentos de Deus, ele cumprirá suas promessas e nos abençoará. □



MARIA



JOSEPH SMITH, JR.



ESTEVÃO

1. _____

- a. Eu nasci em Jerusalém.
- b. Meu pai era um profeta que conduziu a família para o deserto.
- c. Obedeci a meu pai quando ele me mandou voltar com meus irmãos a Jerusalém, a fim de pegar as placas de latão.
- d. Fui obediente ao Senhor e construí um navio para levar minha família para a terra prometida.

(Vide 1 Néfi 1-3, 18.)

2. _____

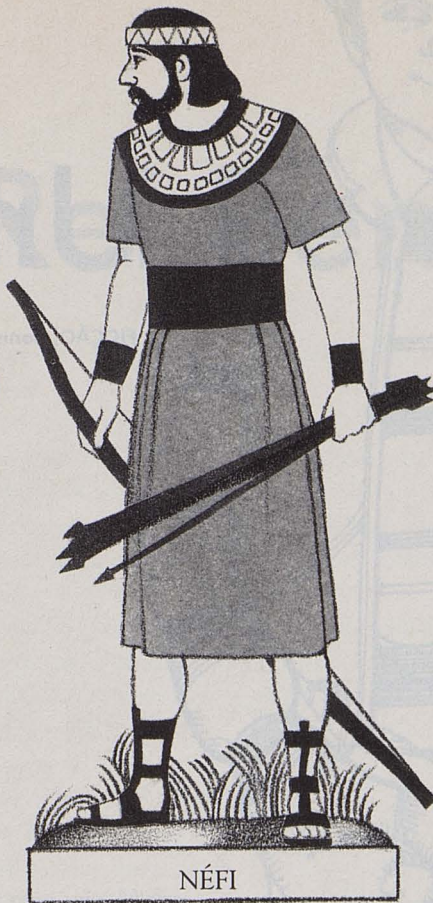
- a. Eu perseguia os membros da igreja de Jesus.
- b. Enquanto seguia pela estrada de Damasco, Jesus apareceu-me e mandou que me arrependesse, o que eu fiz.
- c. Fui obediente aos mandamentos de Deus e fui escolhido para ser um apóstolo. Cumpri numerosas missões.
- d. Por prestar testemunho de Jesus Cristo, fui preso na Macedônia. Durante esse tempo converti o carcereiro.

(Vide Atos 8, 9, 16.)

3. _____

- a. Eu era um sacerdote do malvado Rei Noé.
- b. Acreditei na pregação do Profeta Abinádi.
- c. Batizei muita gente nas águas de Mórmon.
- d. Era obediente aos mandamentos de Deus. Com sua autoridade, organizei a sua igreja e fui sumo sacerdote do povo.

(Vide Mosiah 17, 18, 23.)



ILUSTRADO POR LORI ANDERSON

4. _____

- a. Eu era a noiva prometida de José.
 - b. Um anjo me visitou e disse-me que eu seria a mãe do Filho de Deus.
 - c. Fui obediente a Deus e disse: "Faça-se em mim segundo a tua palavra." (Lucas 1:38.)
 - d. Meu filho nasceu num estábulo em Belém.
- (Vide Lucas 1:26-38; 2:4-7.)

5. _____

- a. Os doze apóstolos de Jesus me chamaram para ajudar as viúvas.
 - b. Por ser obediente aos mandamentos de Deus, eu era cheio de fé e poder, e fiz grandes maravilhas e milagres.
 - c. Prestei testemunho de que vi Jesus à mão direita de Deus.
 - d. Fui apedrejado até a morte, por causa de meu testemunho de Jesus.
- (Vide Atos 6, 7.)

6. _____

- a. Fui a um bosque e orei para saber a qual igreja deveria filiar-me.
 - b. O Pai Celestial e Jesus apareceram e aconselharam-me a não me filiar a nenhuma das igrejas existentes.
 - c. Fui obediente a Deus e ajudei a restaurar a verdadeira Igreja na terra.
 - d. Fui preso muitas vezes e martirizado por causa de meu testemunho.
- (Vide Joseph Smith 2.)

Servos obedientes de Deus: (1) Néfi, (2) Alma, (3) Maria, (4) Estêvão, (5) Paulo, (6) Joseph Smith, Jr.

Uma Torre

FICÇÃO, Bonny Dahlsrud



O ba, que exército!” Davi exclamou entusiasmado ao ajoelhar-se perto das pequenas trincheiras e soldados de plástico com que Beto estava brincando.

“É, não é?” Beto disse rindo, orgulhoso. “Estou cavando estas trincheiras há uma hora. Fiquei imaginando onde você andaria.”

“Devia ter-me chamado. Eu estava ajudando minha mãe a pôr em ordem alguns livros na sua livraria. Entregaram um pedido ontem.”

“Ora, você está sempre lendo!” Beto sabia que Davi não se importava que implicasse com ele. Era o que melhor sabia ler na classe deles e tinha orgulho disso.

Davi se pôs a cavar a terra morna com as mãos e logo estava ocupado construindo trincheiras também. Os livros foram esquecidos, enquanto os meninos trabalharam em silêncio por vários minutos. O único som eram os espirros altos de Beto, quando levantava muita poeira.

“Como se chama seu general?” perguntou Davi,

ILUSTRADO POR LORI ANDERSON

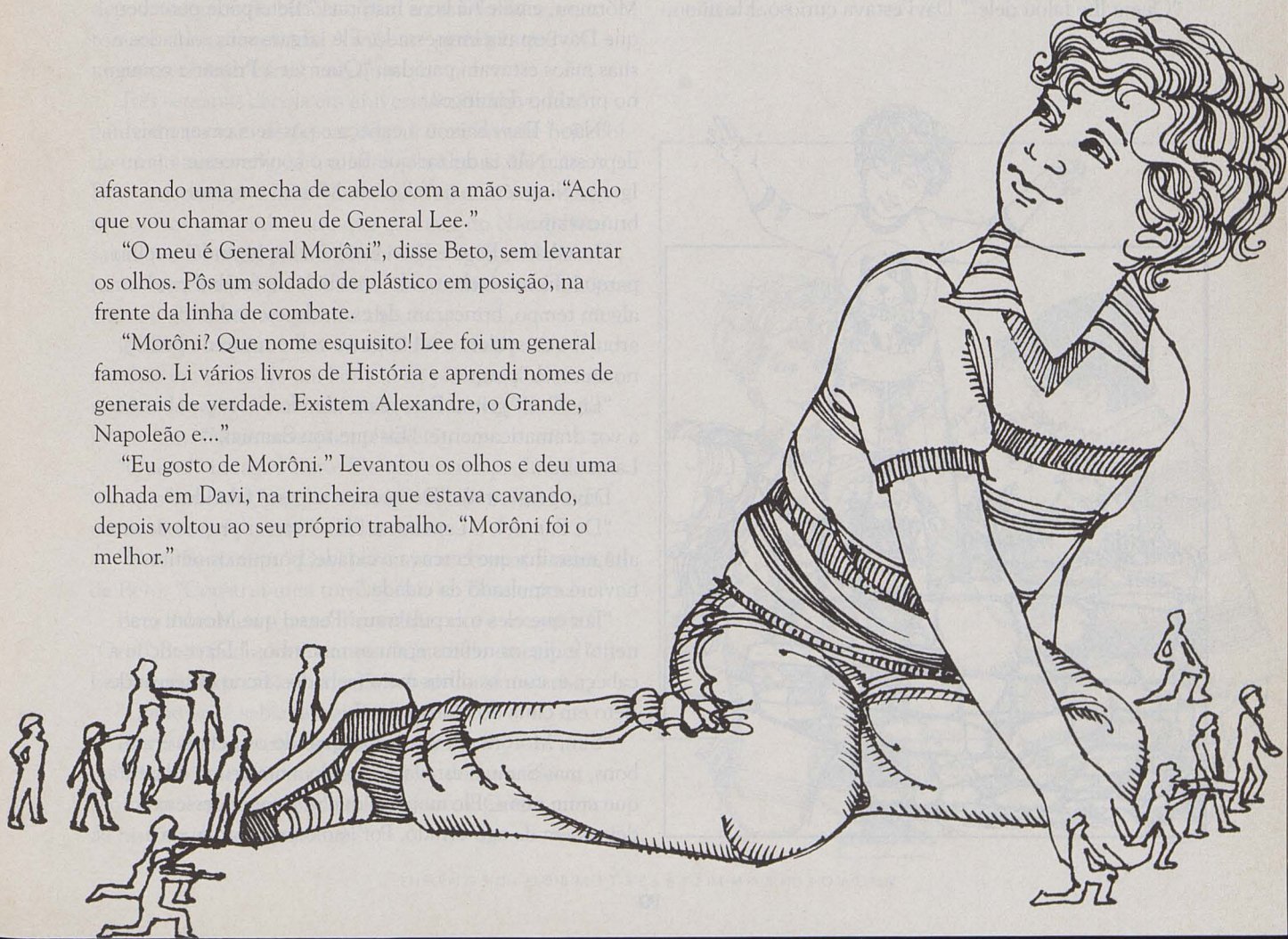
e para o Rei Benjamim

afastando uma mecha de cabelo com a mão suja. “Acho que vou chamar o meu de General Lee.”

“O meu é General Morôni”, disse Beto, sem levantar os olhos. Pôs um soldado de plástico em posição, na frente da linha de combate.

“Morôni? Que nome esquisito! Lee foi um general famoso. Li vários livros de História e aprendi nomes de generais de verdade. Existem Alexandre, o Grande, Napoleão e...”

“Eu gosto de Morôni.” Levantou os olhos e deu uma olhada em Davi, na trincheira que estava cavando, depois voltou ao seu próprio trabalho. “Morôni foi o melhor.”



“Quer dizer que existiu mesmo um General Morôni? Nunca ouvi falar nele.”

“Existiu sim. Certa vez ele combateu os lamanitas ou índios, mas só quando foi obrigado. Ele gostava de viver em paz.”

“Ele lutou contra os índios? Era um caubói?” Davi também havia lido uma porção de histórias de caubóis.

“Não, ele era um nefita.” Beto sorriu orgulhoso e levantou o soldado de plástico. “Era forte e valente, e fez sua própria bandeira e tudo.”

“Quem lhe falou dele?” Davi estava curioso. Ele não

sabia nada sobre nefitas nem sobre um general chamado Morôni.

“Minha professora da Primária. Meu pai e minha mãe também falaram muito sobre ele.” Beto havia convidado Davi a ir com ele à Primária, quando o amigo se mudara para a vizinhança meses antes, mas Davi não aceitou. Ele gostava de ler aos domingos.

“Eles contam histórias como essa na Primária? Pensei que fosse só orações e coisas da Bíblia.”

“Sim, temos isso também, mas temos ainda o Livro de Mórmon, e nele há boas histórias.” Beto pôde perceber que Davi estava interessado. Ele largara seus soldados e suas mãos estavam paradas. “Quer vir à Primária comigo no próximo domingo?”

“Não.” Davi baixou a cabeça e pôs-se a cavar mais depressa. Não ia deixar que Beto o convencesse a ir à Igreja. Ninguém mais falou em Morôni enquanto brincavam.

No sábado, Beto e Davi estavam explorando o velho parque. Ficaram chutando uma bola de futebol por algum tempo, brincaram de esconde-esconde nos arbustos crescidos, e subiram no velho muro de pedras no canto do parque.

“Ei, olhe!” gritou Beto, estendendo os braços; baixou a voz dramaticamente: “Eis que sou Samuel, o Lamanita...”

Davi perguntou: “De quem você está falando?”

“De Samuel, o Lamanita. Ele certa vez pregou de uma alta muralha que cercava a cidade, porque os nefitas o haviam expulsado da cidade.”

“Por que eles o expulsaram? Pensei que Morôni era nefita e que os nefitas eram os mocinhos.” Davi coçou a cabeça e, com os olhos meio fechados, ficou observando Beto em cima do muro.

“Sim, Morôni era um nefita quando os nefitas eram bons, mas Samuel estava pregando a um grupo de nefitas que eram maus. Ele mandou que se arrependessem e deixassem de agir errado. Por isso o expulsaram da



cidade. Foi quando ele subiu na muralha e pregou lá de cima. Os nefitas atiraram flechas e jogaram pedras nele, mas não o acertavam. Ótimo, não?"

Davi não respondeu por uns instantes. Apanhou a bola de futebol e ficou passando-a de uma mão para outra. "Outra história da Primária, hein?"

"Certo. Acho que Samuel foi o máximo; ele não desistiu facilmente."

Beto não voltou a convidar Davi para a Primária. Ficaram jogando futebol até que o sol esquentou demais, depois voltaram de bicicleta para a casa do Beto, para tomarem uma limonada. A mãe até permitiu que montassem uma barraca no quintal.

Três semanas depois era aniversário de Davi. Ele ganhou uma vara de pescar do pai, uma luva de beisebol do irmão mais velho, e um livro sobre trens, da mãe. Beto presenteou-o com blocos que se encaixavam uns nos outros iguaizinhos aos que ganhara no Natal. Beto sabia que Davi gostaria deles. No dia seguinte ficaram horas brincando com os blocos, construindo caminhões e casas, e até uma torre muito alta.

Quando terminou sua torre, Davi correu para o armário em busca de um boneco de plástico. Colocou-o no alto da torre e, sorrindo maliciosamente para Beto, perguntou: "Você sabe quem é este?"

"Quem?" indagou Beto. Ele não estava prestando atenção em Davi, porque estava ocupado construindo um navio com alguns blocos amarelos.

"O rei Benjamim." Davi parou para chamar a atenção de Beto. "Construí uma torre para o rei Benjamim."

Beto examinou a torre. Era sólida, alta e magnífica. "Ora!" Beto falou entre dentes. "Que belo trabalho!" Então uma expressão intrigada substituiu seu sorriso.

"Como você sabia do rei Benjamim?"

Davi sorriu de uma orelha a outra.

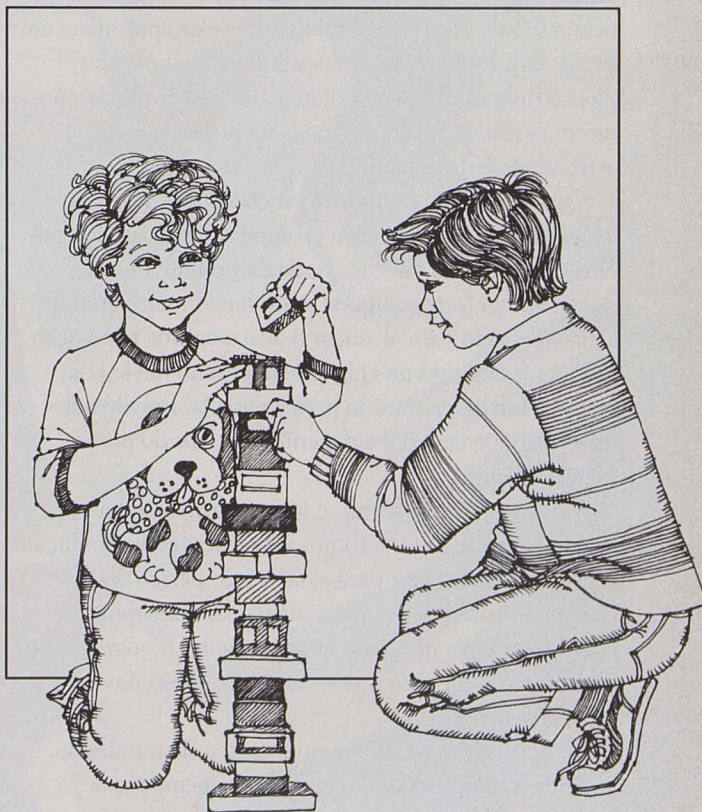
"Minha mãe me deu um exemplar do Livro de Mórmon. Estivemos lendo o livro juntos. Gostei muito da história do rei Benjamim."

Largando o navio, Beto aproximou-se para examinar a torre.

"Puxa!." Uma torre para o rei Benjamim."

"Eu também gosto do Morôni. Os missionários nos falaram dele." disse Davi. "Agora vejo por que você — quis que ele chefiasse seu exército. Mal posso esperar para chegarmos nessa parte da leitura. Morôni foi o melhor."

Beto concordou. Não precisava perguntar ao Davi se gostaria de ir à Primária no domingo. Ele sabia que iria. □



ÉLDER ROBERT E. SACKLEY



De uma entrevista com o Élder Robert E. Sackley, dos Setenta, que serve atualmente como segundo conselheiro na Presidência de Área da África; por Kellene Ricks.

“Vigiai e orai, para que não entreis em tentação.” (Mateus 26:41.)

Eu nasci na Austrália e morava na comunidade de Byron Bay, localizada no litoral leste. Lembro-me dos navios enormes que costumavam navegar pela costa da Austrália. Muitas vezes eles aportavam em Byron Bay. Durante as tempestades, entretanto, os navios tinham que voltar para o alto mar, a fim de não serem lançados contra as praias rochosas ou atracadouros de madeira.

Quando eu tinha uns sete ou oito anos, tive uma experiência que me causou profundo impacto. Meu pai chegou apressado em casa tarde da noite. Lá fora desabava um forte temporal e um navio muito grande estava lutando para alcançar o alto mar. Sua tripulação estivera festejando na cidade e voltara ao navio com atraso a fim de prepará-lo para a partida. Em virtude disso, não havia vapor suficiente para sair do porto e fugir do perigo.

Meus pais me vestiram e a meus irmãos com capas impermeáveis, e fomos ao porto ver a tripulação lutar freneticamente para safar-se do perigo. O mar estava turbulento, as ondas altíssimas. Centenas de cidadãos locais, que acordaram do sono, congregaram-se na praia para observar e orar para que o navio se safasse.

Lembro-me de que o navio estava todo iluminado, jogando a esmo nas ondas revoltas. Sabíamos que

dezenas de tripulantes se encontravam ao lado das caldeiras, pondo carvão na fornalha, na tentativa de conseguir vapor suficiente a fim de navegar para a segurança. Era uma visão assombrosa e assustadora para um menino.

De repente, brados de alegria ouviram-se da multidão. O navio ultrapassara o atracadouro, e vimos como a proa se voltou para o alto mar. Parecia que ele conseguiria safar-se. Seguiu uma curta distância e então, por não dispor de vapor suficiente, perdeu a batalha. As ondas se lançavam com força demais contra ele e o grande navio rodou e lançou-se diretamente contra a praia e as rochas. Nunca mais voltou a navegar.

Nunca me esqueci daquela noite. Está tão vívida em minha memória hoje, como quando aconteceu, há tantos anos. Acredito que sou uma autoridade geral por causa da lição que aprendi naquela noite — aprendi a preparar-me, de modo a seguir na direção certa com força suficiente.

Quando surgirem as tempestades e ondas nos assaltarem, nós seremos lançados contra as rochas se não tivermos fé suficiente no Senhor, no evangelho e em nossa própria capacidade. Precisamos aprender o evangelho e aprender a amar o Senhor. Então teremos todo vapor de que necessitamos, e saberemos o rumo certo a tomar na vida. □



ILUSTRADO POR PAUL MANN

AMIGOS CRIATIVOS EM NOTÍCIA



Jean Morôni Castanho da Rocha, 8 anos, de Cruzeiro Novo, Brasília, Brasil, gosta de judô, empinar papagaios e andar de bicicleta.



Jennifer María Pagoada Rivera, 3 anos, de Juticalpa, Olancho, Honduras, gosta de fazer orações e agradecer ao Pai Celestial pela chuva e pelas flores.



Livia Aline Soares, 6 anos, da Estaca São Paulo Brasil gosta de ir à Primária. Ela gosta de brincar e cantar, e está aprendendo a ler e escrever muito bem.



Luindira Duneska Tovar Chaives, 8 anos, de Valência, Carabobo, Venezuela, está na terceira série. Ela tem um irmão e duas irmãs.



Sato Sho, 4 anos, de Higashikurume, Tóquio, Japão, gosta de freqüentar a Primária e de brincar com seu trenzinho.



Yumi Nitta, 2 anos, de Hamatonbetsu, Esashi, Japão, gosta muito de ir à igreja, apesar de levar duas horas para chegar lá. Ela também gosta de cantar e dançar.



Megumi Nishiguchi, 9 anos, de Kobe, Hyogo, Japão, ficou feliz por ser batizada pelo pai. Ela quer ser um bom membro da Igreja de Jesus Cristo.



Irania Sabrina Conde Hurtado, 12 anos, de Valência, Carabobo, Venezuela, gosta de ir à Primária, e de cantar e tocar piano. Quando crescer, ela gostaria de ser escritora.

Alisson Sousa de Assis, 9 anos, de Campina Grande, Paraíba, Brasil.





Keiko Tashiro, 9 anos, Tochigi, Japão, gosta de brincar com seu cão. Suas matérias favoritas na escola são aritmética e leitura. Ela quer encontrar Jesus Cristo.



Ever Proni Veliz, 3 anos, de Guacara, Carabobo, Venezuela, gosta de jogar futebol e cantar. Seus desenhos são sobre as criações de Deus.



Reina Fukuoka, 6 anos, de Sapporo, Hokkaido, Japão, gosta muito de aprender o evangelho na igreja. Ela também gosta de cantar.



Shinpei Murakami, 12 anos, de Mobarra City, Chiba, Japão, tem o testemunho de que Deus vive.



Lorena Herrera, 8 anos, Guacara, Carabobo, Venezuela, gosta de ler o Livro de Mórmon, ir às reuniões e aprender o evangelho. Gosta também de ouvir música.



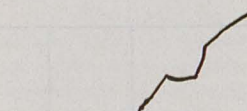
Walia Mayakuella Chaives, 4 anos, de Valência, Carabobo, Venezuela, está freqüentando o maternal.



De seu diário, Juan Escobar, 10 anos, da Estaca Fernando de la Mora no Paraguai, extraiu a data de dedicação da sua capela para a história da ala.



Annika Essen, 11 anos, de Vasterhaninge, Suécia, recebeu recentemente o prêmio "Bom Amigo" na escola. Ela ajuda a cuidar de seus irmãos e irmã menores.



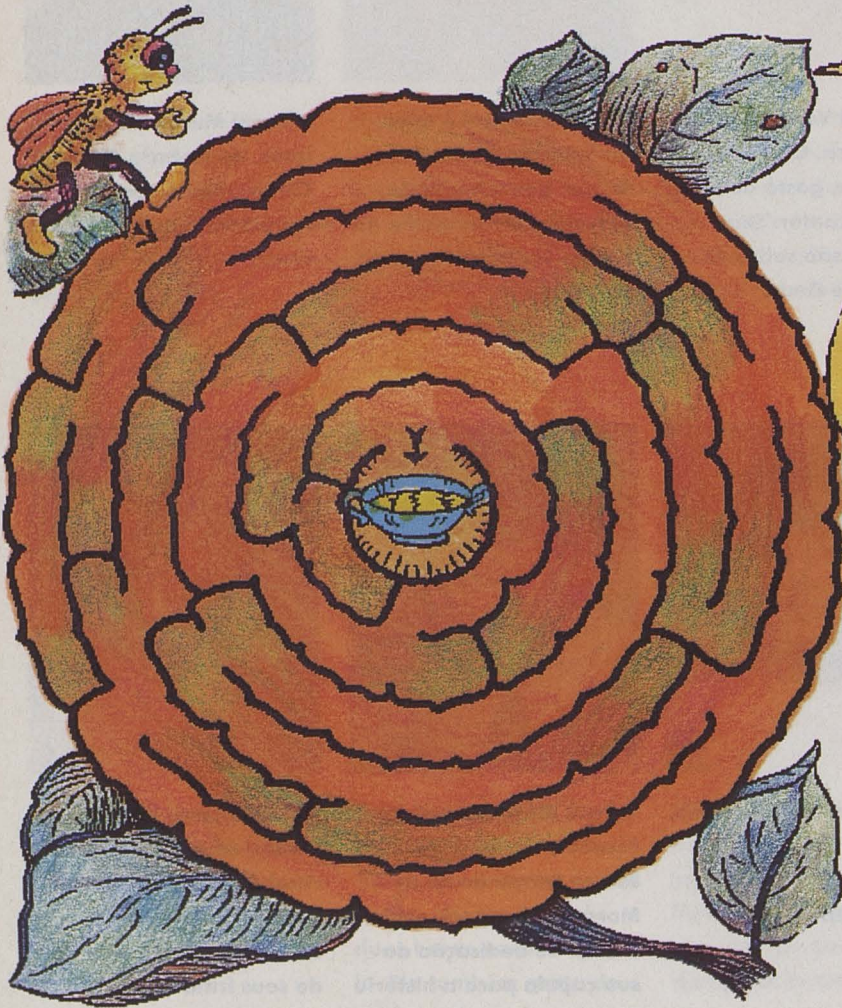
Lehivelton de Assis Barbosa, 8 anos, de Campina Grande, Paraíba, Brasil.



ENCONTRE O CAMINHO

Roberta L. Fairall

Que caminho a abelhinha deve seguir para encontrar o néctar no centro da flor?



COMO MANDAR MENSAGENS SECRETAS

Marty Kerner

Veja uma maneira engraçada de mandar uma mensagem secreta a um amigo:

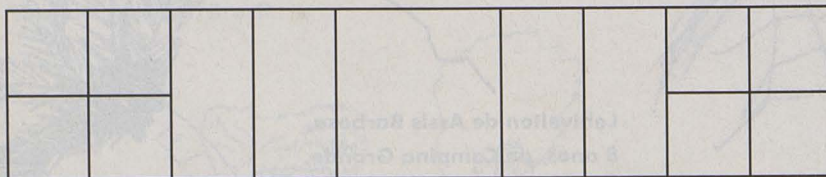
1. Mergulhe uma folha de papel em água, depois coloque-a sobre uma superfície lisa e dura, como uma vidraça ou espelho.
2. Cubra com uma folha seca de papel.
3. Fazendo pressão firme com um lápis duro, escreva alguma mensagem secreta na folha seca.
4. Jogue fora a folha seca. Sua mensagem ficará claramente visível na folha molhada, mas desaparecerá quando ela secar.

Quando seu amigo receber a folha e a mergulhar em água, a mensagem reaparecerá!

CONTE OS QUADRADOS

Rich Latta

Quantos quadrados você consegue encontrar no desenho?



Conte os quadrados: 15

Aumentar a Caridade

Não há maior heroína neste mundo, do que a mulher que faz sua parte em sigilo”, diz Elaine L. Jack, presidente geral da Sociedade de Socorro. “Geralmente não reconhecidas... viveis em qualquer parte... Demonstrais amor ao Senhor diariamente enquanto apoiáis o marido, educais os filhos, cuidais dos pais, servis em escolas, participais dos conselhos comunitários e fazeis muito do trabalho deste mundo, dentro e fora do lar.” (“Estas Coisas Nos São Manifestadas Claramente”, *A Liahona*, janeiro de 1991, p. 100.)

CARIDADE É A PEDRA ANGULAR

A caridade está para a Sociedade de Socorro como a pedra angular para o arco. Numa construção, é a pedra angular que mantém as demais pedras do arco firmemente em seu lugar. A menos que esteja bem colocada, o arco desaba. Iguamente, pensamentos e ações caridosos mantêm unida nossa sociedade e ligam-nos individualmente ao Salvador.

Existem oportunidades para ações caridosas em toda a parte. Por onde começar? William S. Evans, diretor de relações comunitárias do Departamento de Comunicações Públicas da Igreja, sugere que:

- Começemos em nossa vizinhança e comunidade, nas alas e ramos, com nossos familiares e conhecidos.



- Encontremos oportunidades de servir, que atendam a uma necessidade ou estejam de acordo com nossos interesses, talentos ou passatempos.

- Procuremos ajudar nas escolas; apoiar as artes; aprimorar o meio ambiente; servir os deficientes, idosos ou desalentados.

Como podemos fazer da caridade uma pedra angular de nossa vida?

A CARIDADE CRESCE COM A EXCELÊNCIA

O profeta Mórmon definiu caridade como o “puro amor de Cristo” e disse: “Rogai ao Pai com toda a energia de vossos corações, para que possais ser cheios com esse amor.” (Morôni 7:47-48.)

Quando o Profeta Joseph Smith ensinou que “é natural que as mulheres sejam caridosas e benevolentes” ele ressaltou a ação: “Estais agora numa situação em que podeis agir de acordo com os sentimentos que Deus plantou em vosso coração.” (*History of*

the Church 4:605.) A caridade realmente modifica nosso coração. É como um músculo que se fortalece quando exercitado.

Que ações caridosas podem tornar-se parte habitual de nossa vida?

CARIDADE É UM MODO DE VIVER

O Senhor identificou certas qualidades da pessoa caridosa. Se temos caridade, não nos regozijamos na iniquidade, mas na verdade. Suportamos todas as coisas, cremos em todas as coisas, esperamos todas as coisas e sofremos todas as coisas. (Vide Morôni 7:45.)

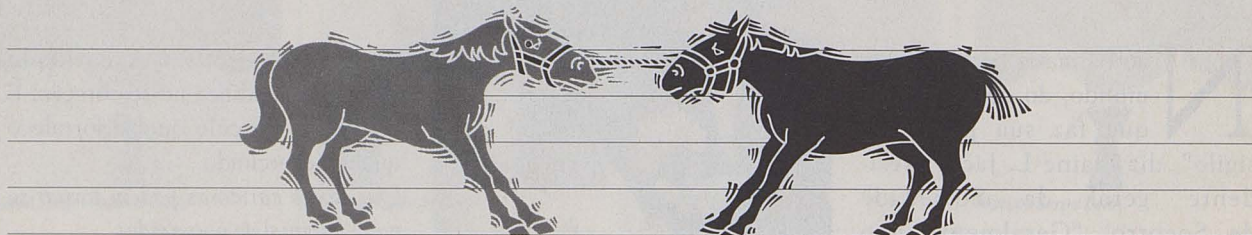
Não guardamos rancor, perdoamos ofensas e controlamos nossos pensamentos.

Se temos caridade, também recebemos de bom grado. Quando certa irmã muito ativa ficou doente, recusou qualquer ajuda, mas o bispo sabiamente a aconselhou: “Lembre-se de que ajudamos outros quando recebemos seu auxílio de bom grado. Deixe que essas pessoas sejam abençoadas, ajudando-a.”

Servindo caridosamente e orando pelo dom de amor, poderemos, conforme promete Mórmon, “ser cheios com esse amor, que ele tem concedido a todos os que são verdadeiros seguidores de seu Filho, Jesus Cristo.” (Morôni 7:48.)

Quais os atributos da caridade que precisamos buscar? □

UMA REPRIMEN



Apreendi Que Ser Paciente e Não Insistente Me a Ajuda Atingir Meus Objetivos no Casamento.

Martha Macfarlane Wiser

Muitos casais santos dos últimos dias têm-se perguntado: “Meu marido (ou mulher) está progredindo espiritualmente comigo? Estamos no mesmo nível?”

No início do casamento encontrei-me fazendo essas perguntas e fiquei desanimada com o que achei serem as respostas. Embora meu marido fosse um pai excelente, muitas vezes senti-me irritada e infeliz. Eu queria que ele se adaptasse à imagem que fizera dele. Queria implantar nele certos ideais e metas que eu possuía.

Um dia procurei o conselho de meu pai. Como ele era psiquiatra, eu sabia que não seria severo no julgamento do genro. Suas primeiras palavras foram como um balde de água fria sobre minha cabeça: “Martha, se continuar dessa maneira, vai acabar afastando seu marido.”

Fiquei de queixo caído. “O que o senhor quer dizer com isso?” perguntei. A conversa não estava, de forma nenhuma, seguindo o rumo que eu esperava.

Ele levantou a mão para acalmar minha indignação. “Deixe-me explicar. Há pouco tempo, aconselhei uma mulher SUD que havia abandonado um casamento basicamente feliz. Ela achava que o marido não vivia todos os padrões da Igreja. Anos de censura e súplica não o haviam mudado. Ela pensou que se o

abandonasse ele mudaria para tê-la de volta. Nunca imaginou, porém, que o marido viesse a encontrar outra que o amasse e respeitasse como era. Ele se casou depois do divórcio e é feliz, enquanto ela se tornou uma mulher frustrada.”

Estará ele tentando me passar uma reprimenda? pensei. Eu nunca tinha pensado em deixar meu marido. “O senhor está tentando dizer-me que não devo insistir, que devo esquecer meus ideais?” perguntei na defensiva.

“Não, estou dizendo que deve guiar, mas não forçar. Seja gentil na maneira de persuadir, não esquecendo de reconhecer as virtudes e realizações de seu marido. Seja um exemplo, sem criticar. Na pressa de atingir seus objetivos, você pode estar enviando-lhe uma mensagem silenciosa, dizendo-lhe que não é bastante bom para você. Ele é um bom homem, Martha, e precisa saber que você também acha isso.”

Sentei-me, incapaz de falar, enquanto lágrimas me corriam dos olhos. Vi-me num dilema. Compreendi as palavras de meu pai, mas esperava que meu marido fosse o que sempre sonhei que seria.

Meu pai tentou um enfoque diferente. “Você já ouviu a história do homem que atrelou dois ratinhos à sua

ENDA GENTIL

carroça? O vizinho o viu subir na boléia e riu-se dele. 'Você não espera realmente que dois ratinhos puxem a carroça, não é?' perguntou. O homem respondeu: 'Por que não? Eu tenho um chicote.'

Achei graça na comparação, apesar de estar aborrecida. Imaginei-me claramente na carroça, no lugar do homem. Eu estivera usando a raiva e o ressentimento como chicote, e minhas possibilidades de sucesso eram mais ou menos as mesmas.

"Bem, talvez eu esteja sendo muito agressiva, mas vejo outros homens que guiam o caminho em que eu gostaria de ser guiada. É pedir muito?"

A voz de meu pai foi gentil, mas firme. "Você está tentando resolver o problema de maneira errada. Uma das piores coisas no casamento é os cônjuges imaginarem se fizeram a escolha certa. O casamento começa a desmoronar, porque ambas as partes desistem de fazê-lo funcionar."

"Pai", interrompi, "é porque o amo que fico desanimada. Eu quero que ele atinja todo o seu potencial."

"Tudo é uma questão de lealdade. Você já pensou que a deslealdade começa na mente, e que você, na verdade, está sendo desleal quando compara seu marido a outros?"

Eu estava perdendo a discussão bem depressa, e sabia disso. Tentei uma vez mais: "Meu compromisso com ele é eterno. As escolhas diárias que ele faz como líder do sacerdócio afetam a família eternamente."

"A paciência e o amor também são eternos." Ele abriu as escrituras e leu: "Nenhum poder ou influência pode ou deve ser mantido por virtude do sacerdócio, a não ser que seja com persuasão, com longanimidade, com mansuetude e ternura, e com amor *não* fingido;

Com benignidade e conhecimento puro, que grandemente ampliarão a alma, sem hipocrisia e sem dolo." (D&C 121:41-42.)

Eu conhecia os versículos. Foram escritos para portadores do sacerdócio e falavam do exercício de domínio injusto. Por que ele os estava lendo para mim?

"Estes versículos", explicou meu pai, "contém os elementos para o sucesso de *qualquer* relacionamento, principalmente do marido para com a mulher. Um dos maiores desafios do casamento é aceitar todas as diferenças de personalidade, antecedentes e motivações, trabalhando para uma unificação de propósito. Não é tarefa fácil e pode levar a vida toda, mas, como você já o disse, o casamento é um compromisso eterno."

Em seguida ele me falou de um fazendeiro conhecido seu, quando menino. O homem costumava apanhar cavalos selvagens no norte do Arizona. Eles corriam soltos e estavam à disposição de quem os quisesse pegar, mas era difícil domá-los e treiná-los. Ao anoitecer, o fazendeiro juntava parte da manada num curral temporário, perto de uma fonte de água. Em seguida selecionava o melhor cavalo, amarrava uma extremidade de uma corda de algodão em volta do pescoço do animal e a outra ponta no pescoço de uma mula branca muito forte que ele possuía, deixando apenas espaço suficiente para que andassem lado a lado. Depois soltava-os no deserto, para que chegassem a um acordo.

A mula conhecia o caminho de volta e tomava-o com satisfação. Se o cavalo tentasse ir noutra direção, a mula empacava e não saía do lugar. Se a mula saísse da trilha, quem empacava era o cavalo. Continuaram assim até resolverem suas diferenças. Em duas semanas os dois estavam trotando para casa, em busca de alimento e abrigo. O cavalo estava pronto para receber treinamento e se comportava para com a mula como se tivessem passado a vida juntos. Meu pai acrescentou: "Quase deixei de lado a parte mais importante: a corda que envolvia o pescoço deles era *muito* macia."

Comecei a ver a conexão entre a história e a escritura que meu pai havia citado, e sabia que não tinha nada a ver com ser teimosa quanto uma mula. O casamento nos impele a sermos um em propósito, da mesma forma que a corda presa ao pescoço da mula e do cavalo. Embora saibamos qual é nosso destino final, nem sempre andamos na mesma direção ou no mesmo passo para lá chegar. Os fios macios da corda que nos ata —

representando o amor, a paciência, o compromisso e a fé — deveriam impedir que a corda nos ferisse. Se o material da corda for muito áspero, uma das partes pode resolver arrebentá-la, para não ter de suportar dor e sofrimento.

Eu não entendi muito bem. Será que eu estava realmente disposta a ter um líder dinâmico e dominador como marido, ficando à sua sombra e sendo empurrada em direção a um objetivo ou ideal? Fiquei imaginando se meu marido apreciaria ser empurrado por meu zelo determinado.

Estudando os últimos seis versículos de Doutrina e Convênios 121, ganhei novo entendimento. Os princípios que eles ensinam fortaleceram e enriqueceram meu casamento. Quando um cônjuge sente pouco entusiasmo quanto ao caminho que o casal está seguindo, é fácil culpar o outro, e era isso o que eu estivera fazendo.

Uma amiga me contou como resolveu uma situação que envolvia o mesmo princípio. Casados numa cerimônia civil, Anne e Bob estabeleceram a meta de serem selados no templo. Durante algum tempo ficaram ativos na Igreja, mas Bob gradualmente perdeu o interesse. Ele e seus amigos eram fanáticos por futebol e esperavam com ansiedade os jogos de domingo à tarde, na televisão.

Anne levantava-se cedo todos os domingos, preparava o desjejum para ela e a família, punha ordem na cozinha e aprontava os dois filhos, para as reuniões da Igreja. Despedia-se de Bob com um beijo e um sorriso. Na reunião sacramental cuidava sozinha das crianças, embora o marido se oferecesse para ficar com elas em casa.

Disse ela: “Eu sabia que era necessário e importante que eu estabelecesse um bom exemplo para minha família. Orei para que Bob mudasse, se eu conservasse minha fé nele. Depois das reuniões eu fazia uma pausa antes de entrar em casa, libertava a mente de qualquer sentimento negativo, e lembrava quanto o amava. Às vezes encontrava a sala cheia de pipoca e latas

espalhadas, mas não permitia que isso interferisse em nosso relacionamento.”

Com a permissão do marido, Anne começou a se preparar para receber a investidura no templo. No começo, Bob vivia apenas alguns princípios do evangelho. Mais tarde resolveu assistir às reuniões com a família, e finalmente se juntou a ela na preparação para entrar no templo. Por fim, foram todos selados para a eternidade.

Disse Anne: “Acho que ele viu a diferença que o evangelho tinha ocasionado em minha vida. Notou também que sua família estava progredindo. Chegou o dia em que resolveu não ficar para trás.”

Muitas mulheres SUD desejam uma liderança firme do sacerdócio no lar, mas não são ambos, o marido e a mulher, responsáveis pelo lar? Por exemplo, quem deve fazer que a noite familiar seja realizada? Só o marido? A mulher não tem nenhuma responsabilidade? Suspeito que a tendência da mulher de supervisionar o progresso espiritual do marido mais de perto do que o seu próprio é uma fraqueza de muitas.

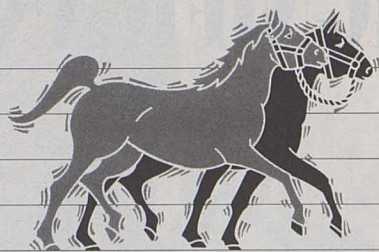
Hoje, acredito que a promessa de Doutrina e Convênios 121:46 é para as famílias. É uma bênção que requer tempo, esforço e paciência para ser recebida. E vale a pena o esforço:

“O Espírito Santo será teu companheiro constante e o teu cetro um cetro imutável de retidão e verdade; e o teu domínio um domínio eterno e, sem medidas compulsórias que fluirá a ti para todo o sempre.”

Sou grata a meu pai pela gentil repreensão que tanta diferença fez em minha vida. O amor profundo e o respeito que eu e meu marido temos um pelo outro em dezessete anos de casamento é o produto do conselho de meu pai. Cada vez que me sinto tentada a ser dominadora, ouço suas palavras: “Ele é um homem bom, Martha, e precisa saber que você também acha isso.”

Obrigada, pai. O senhor tem razão. □

Martha Macfarlane Wiser mora na Ala Delta Seventh, Estaca Delta Utah.



Como Posso Melhorar o Relacionamento com Meu Cônjuge?

Howard C. Macfarlane

Você pode quebrar os ciclos de irritação e defensiva, que tanto enfraquecem o casamento. Tente as sugestões abaixo, concentrando-se numa por semana. Ficará surpreso ao ver com que eficiência poderá melhorar o relacionamento conjugal.

1. *Evite pensamentos negativos.* Procure não comparar o cônjuge com outrem. Em vez disso, pense naquilo que gosta ou aprecia nele. Faça uma lista e adicione-lhe algo com frequência.

2. *Evite a crítica.* Não faça observações negativas sobre o cônjuge em frente dos outros, e não permita que os outros o critiquem na sua frente. Diga algo positivo sobre seu cônjuge em frente dos outros, principalmente quando ele estiver presente. Fortalecerá os laços do matrimônio e favorecerá a auto-estima.

3. *Faça, todos os dias, algo positivo pelo cônjuge:* Leve-lhe uma xícara de chocolate quente, surpreenda-o com um bilhetezinho, ajude-o em alguma tarefa que geralmente faz sozinho. Seja criativo, e não fique relembando as

coisas que fez.

4. *Não estabeleça limites para o esforço que vai investir no seu casamento.* O amor não é uma sociedade de 50/50. Evite medir a “quantia” de esforço com o qual está contribuindo para o funcionamento de seu casamento.

5. *Evite fazer exigências ou dar ultimatoss.* Nada faz aumentar a teimosia e o ressentimento mais depressa que um ultimato.

6. *Seja manso.* Muitas pessoas consideram a mansidão uma fraqueza, mas, na realidade, é uma virtude. Torna-o mais suscetível ao ensino e mais compatível com os outros.

7. *Estude nas escrituras as referências à caridade e ao amor.* Deixe que elas expandam seu entendimento do amor eterno. □

Howard C. Macfarlane, pai de Martha Wiser, é médico. Ele serve na Estaca Jordan Utah, como diretor regional de um programa SUD contra o abuso de drogas, e é oficiante no Templo de Jordan River.

A ESCRITURA “INSIGNIFICANTE”

Kim R. Burningham

Há alguns anos, ao começar a preparar a aula da Escola Dominical daquela semana, surpreendi-me ao verificar que ela incluía dez seções de Doutrina e Convênios. “Não podemos abranger tanta matéria no breve espaço da aula”, pensei. “Teremos de saltar algumas das seções.”

Logo nos primeiros dias decidi que a seção 111 poderia ser ignorada. Os termos *imprudências*, *tesouros*, *ouro e prata e habitantes antigos* não me diziam grande coisa. Francamente, eu não entendi bem do que tratava e não me pareceu particularmente importante.

Já mais no fim da semana reli a seção e fiquei imaginando o que significaria o termo *imprudências*. Talvez tivesse a ver com o assunto que levava a Primeira Presidência a Salem, Massachusetts.

Lendo o cabeçalho da revelação e depois estudando melhor o acontecimento, soube que um homem chamado Burgess fora a Kirtland, alegando ter conhecimento de uma grande soma escondida numa casa de Salem. O Profeta Joseph Smith e outros haviam ido para Salem na esperança de encontrar esse dinheiro, a fim de com ele pagar

parte das dívidas da Igreja, mas a viagem provou ser uma imprudência, quando Burgess não conseguiu dizer qual casa continha o tesouro.

Mesmo assim, o Senhor não ficou “descontente” com a viagem. (Vide D&C 111:1.) O Senhor lembrou ao Profeta que havia outros tesouros, além de ouro e prata, que poderiam procurar: “Tenho muitos tesouros para vós nesta cidade, para o benefício de Sião, e muitas pessoas, nesta cidade que eu ajuntarei em tempo propício para o benefício de Sião, por intermédio de vós.” (D&C 111:2.)

Enquanto estudava, descobri que o missionário Erastus Snow se revelou uma importante chave. Segundo seu diário, o Élder Snow estava retornando para Nauvoo em 1841 (cinco anos depois da revelação encontrada em Doutrina e Convênios 111) quando se encontrou com alguns outros missionários, incluindo Hyrum Smith. Hyrum exortou o Élder Snow e seu companheiro William Law a interromperem a viagem para casa e começarem a obra missionária em Salem.

“Eles nos deixaram cópia de uma revelação dada sobre esse povo em 1836, e que dizia que o



Senhor tinha muitas pessoas ali que congregaria ao seu reino no próprio e devido tempo, e eles achavam que o tempo do Senhor era chegado”, diz o Élder Snow. Ele então foi para Salem. (Vide *Erastus Snow Journal*, Historical Department, The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, pp. 3-5.)

Essa escritura “insignificante” estava-se tornando mais e mais intrigante para mim. O livro dizia que o Élder Snow convertera certo número de pessoas. Quem eram elas? Que contribuições haviam feito?

Lembrei-me, de repente, de uma coisa que eu vira nos registros genealógicos de minha família. Meu trisavô, Nathaniel Ashby, nascera em Salem, em 1805. Talvez estivesse lá quando o Élder Snow pregou o evangelho. Procurei a história da família Ashby, contida num pequeno livro marrom que finalmente encontrei na casa de meu irmão.

Na seção 111, versículo 9, o Senhor diz que o Profeta devia indagar “diligentemente pelos habitantes mais antigos” de Salem. A cidade litorânea de Salem foi fundada em 1626. Num registro de 1663 constava que Anthony Ashby se encontrava em Salem. Anthony era o tetravô de Nathaniel Ashby. Desde Anthony, seis gerações de Ashbys viveram em Salem.

O livrinho marrom (Robert Ashby, *Ashby Ancestry*, 1941), explicava que “em 1841, o Élder Erastus Snow e outros levaram a esta família a mensagem do verdadeiro evangelho, que de bom grado aceitaram”. Meus antepassados eram alguns dos conversos de Salem!

Ao ler sobre Nathaniel e sua família, descobri que Élder Snow e esposa ocuparam uma das casas de Nathaniel durante dois anos, gratuitamente. Para o missionário, isto talvez fosse um tesouro melhor que ouro. No outono de 1843, a família Ashby se transferiu para Nauvoo, onde dividiram uma grande moradia com a

família do Élder Snow. Os Ashbys doaram seus bens para a construção do templo.

Membros da família Ashby se encontravam em Nauvoo no dia em que o Profeta foi martirizado. Eles moravam perto da casa do Profeta, e um dos filhos de Nathaniel escreveu que estava na horta do pai, certa manhã de junho de 1844, quando o Profeta passou por ali a caminho de Carthage. “Jamais esquecerei a expressão de profunda tristeza que cobria seu nobre semblante. Foi a última vez que o vi vivo”, escreveu o filho.

Membros da família Ashby estavam na congregação na data da transfiguração de Brigham Young. Benjamin, filho de Nathaniel, diz “que a última vez que vi as feições de Joseph Smith foi quando a forma, voz e semblante de Brigham Young se transfiguraram diante da congregação, parecendo-se com Joseph Smith sob todos os aspectos”.

A família Ashby também estava com os que abandonaram o lar em Nauvoo e foram para o oeste. Poucos dias depois, Nathaniel falecia em Iowa, mas Susan Ashby, prosseguiu com seus onze filhos, cruzou as pradarias e chegou à Cidade do Lago Salgado. Uma de suas filhas foi minha bisavó.

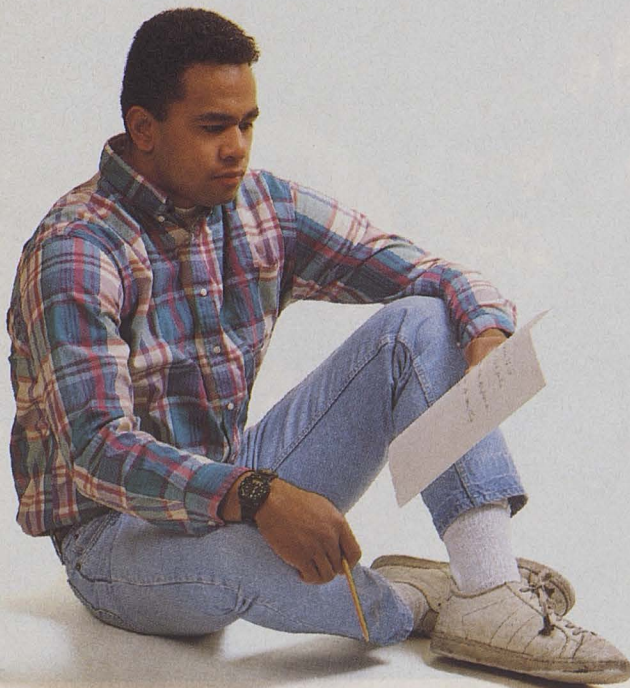
Pus de lado o livrinho marrom e voltei à escritura que antes julgara insignificante. “Tenho muitos tesouros para vós nesta cidade”, dissera o Senhor, “...muitas pessoas... que eu ajuntarei em tempo propício para o benefício de Sião.” (D&C 111:2.)

O Profeta e outras Autoridades Gerais foram a Salem em busca de ouro e prata, mas o tesouro que encontraram foram os conversos. E por meio desse “tesouro”, minha própria vida e a de meus irmãos, irmãs, primos e inúmeros outros descendentes de Nathaniel Ashby foram profundamente abençoadas. □

Kim R. Burningham vive na Estaca Bountiful (Utah) Central.

COMO VOCÊ É?

FOTO DE PHILIP S. SHURTLEFF



Você é um bom amigo, irmão, irmã, filho ou filha? Quase todos gostariam de ser. Eis um teste para ajudá-lo a verificar como realmente é. Responda a cada item com “sim” ou “não”.

1. Procura perceber o que os outros sentem. Não menciona intencionalmente assuntos que firam ou embaracem alguém.

2. Sabe guardar segredo. Não usa informações para denegrir outros em público.

3. Sempre faz o que disse que faria. Mantém o prometido aos amigos e familiares, paga o dízimo honestamente e costuma ser pontual.

4. Não toma para si a glória alheia. Elogia outros em público quando fazem algo elogiável ou lhe prestam um favor.

5. Analisa seus atos depois de uma discussão com alguém. Quando está errado, você o admite e pede desculpas.

6. Não leva as coisas ao extremo quando está zangado. Por exemplo, não rejeita um amigo totalmente por causa de um desacordo sério, não ameaça fugir de casa toda vez que discorda dos pais, e quando briga com os irmãos, não lhes diz que os odeia.

7. Não fica zangado quando alguém comete um engano. Procura entender e é paciente com as fraquezas alheias.

8. Não se considera a suprema autoridade. Procura voluntária e abertamente os outros, para pedir ajuda ou conselho, e freqüentemente consulta o Pai Celestial em oração.

Agora some as respostas positivas, todos os “sim”.


Se tiver sete ou oito, muito bem! Você é geralmente atencioso com os outros, e eles provavelmente gostam de sua companhia.

Se tiver cinco ou seis, vai bem, mas talvez necessite de aprimoramento nas áreas que tiveram resposta negativa.

Se tiver menos de cinco, não desista! Você conseguirá desenvolver esses pontos positivos se conscientemente se esforçar e buscar a ajuda do Senhor. □



FOTO DE WILLIAM FLOYD HOLDMAN



A TERRA DE JESUS

Primeira Parte

A pesar de o ministério mortal de Jesus Cristo afetar toda a humanidade, ele deu-se numa estreita faixa de terra de sessenta a cento e sessenta quilômetros de largura e menos de duzentos e quarenta quilômetros de comprimento.

Mesmo sendo universal o Evangelho de Jesus, seus ensinamentos e experiências terrenas estão intimamente ligados à terra em que ele viveu. Ovelhas, redes de pescar, pedras de moinho e paredes de templos foram objeto de sua vida e ensinamentos. Coletores de impostos, pastores, pescadores e nobres encontravam-se entre os que ouviram suas palavras e acreditaram.

Como era a terra do Messias? Neste número, apresentamos fotografias de lugares em que Jesus viveu e onde iniciou seu ministério. No próximo mês apresentaremos lugares e objetos importantes em sua vida — e na sua morte e sepultamento.

A não ser quando assinalado em contrário, as fotos são do arquivo fotográfico do Dr. Richard Cleave, de Jerusalém.



FOTO DE TIMOTHY L. TAGGART



FOTO DE WILLIAM FLOYD HOLDMAN



Ele que era chamado de “pão do céu” e “pão da vida” (João 6:31-35), nasceu em Belém (*esquerda*), termo que em hebraico significa *a casa do pão*.

Aqui vemos a Belém moderna entre as encostas rochosas do Campo de Pastores onde até hoje pastores de turbante vigiam seus rebanhos.

O rei Herodes procurou matar o Cristo infante (vide Mateus 2:16), mas um “anjo do Senhor apareceu a José em sonhos dizendo: Levanta-te e toma o menino e sua

mãe, e fuge para o Egito”. (Mateus 2:13.)

Não sabemos onde Jesus viveu no Egito, mas esta cena (*acima*) que mostra o marcante contraste entre o deserto e as terras férteis irrigadas pelo Nilo, é típica da região para a qual fugiram José e a família.

A permanência no Egito cumpriu, segundo Mateus, a profecia em Oséias 11:1, de que Deus “Do Egito chamei a meu filho”. (Vide Mateus 2:15.)



Na Colina do Templo, em Jerusalém, hoje (*acima*), destaca-se o Domo da Rocha, uma mesquita construída primeiramente por volta de 690 A.D. Antigamente ficava ali o templo de Herodes. Embora o templo estivesse pronto antes do nascimento do Salvador, a construção continuava em outros edifícios no complexo do templo.

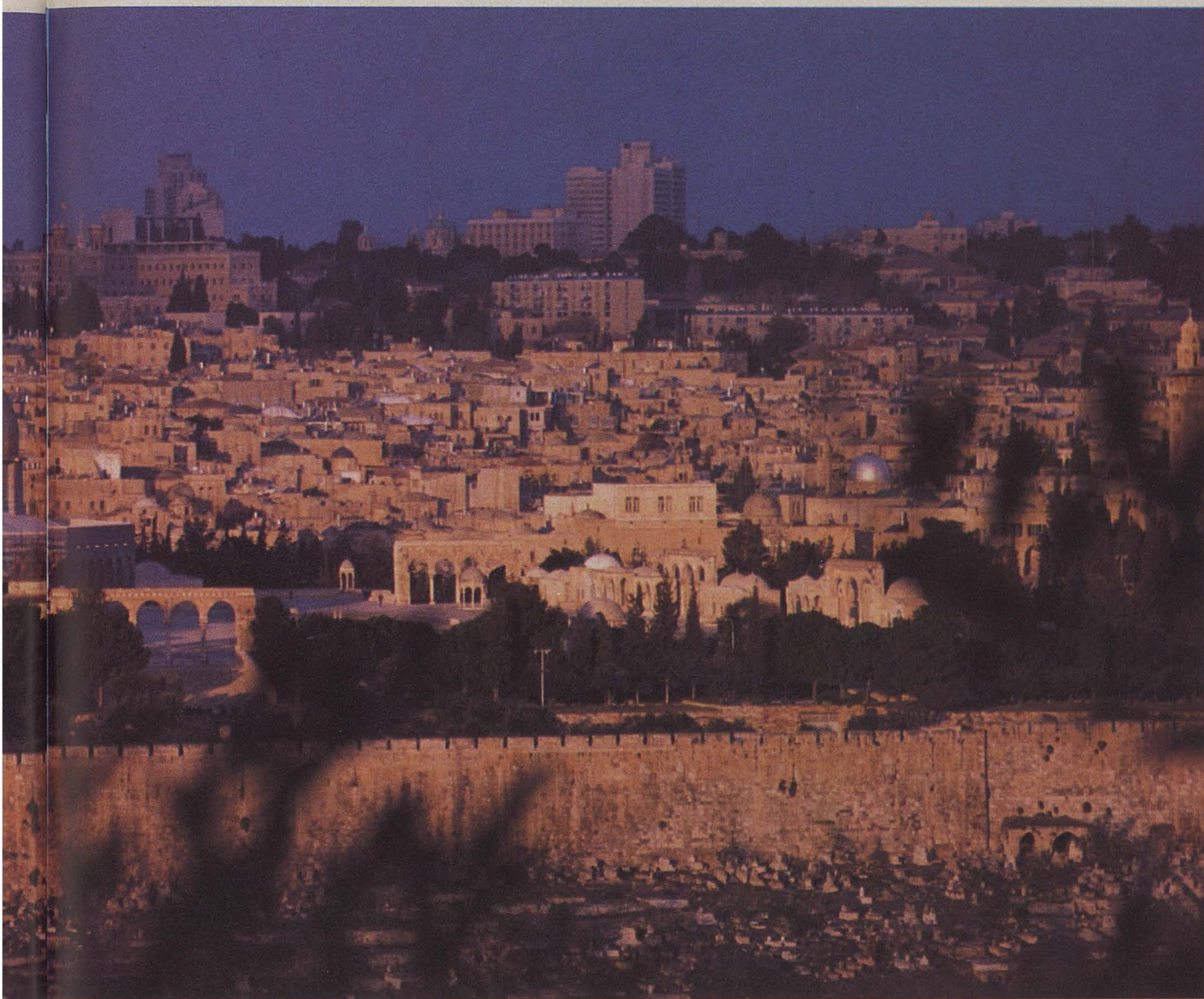
Nazaré (*direita*) é hoje muito maior do que era quando Jesus ali viveu depois de sua família retornar do Egito, mas sob muitos aspectos, ela guarda o caráter original da

antiga aldeia. A antiga praça do mercado e o poço datam do tempo de Cristo.

“Toda carne é como erva”, diz o Apóstolo Pedro, “e toda glória do homem como a flor da erva. Secou-se a erva e caiu a sua flor:

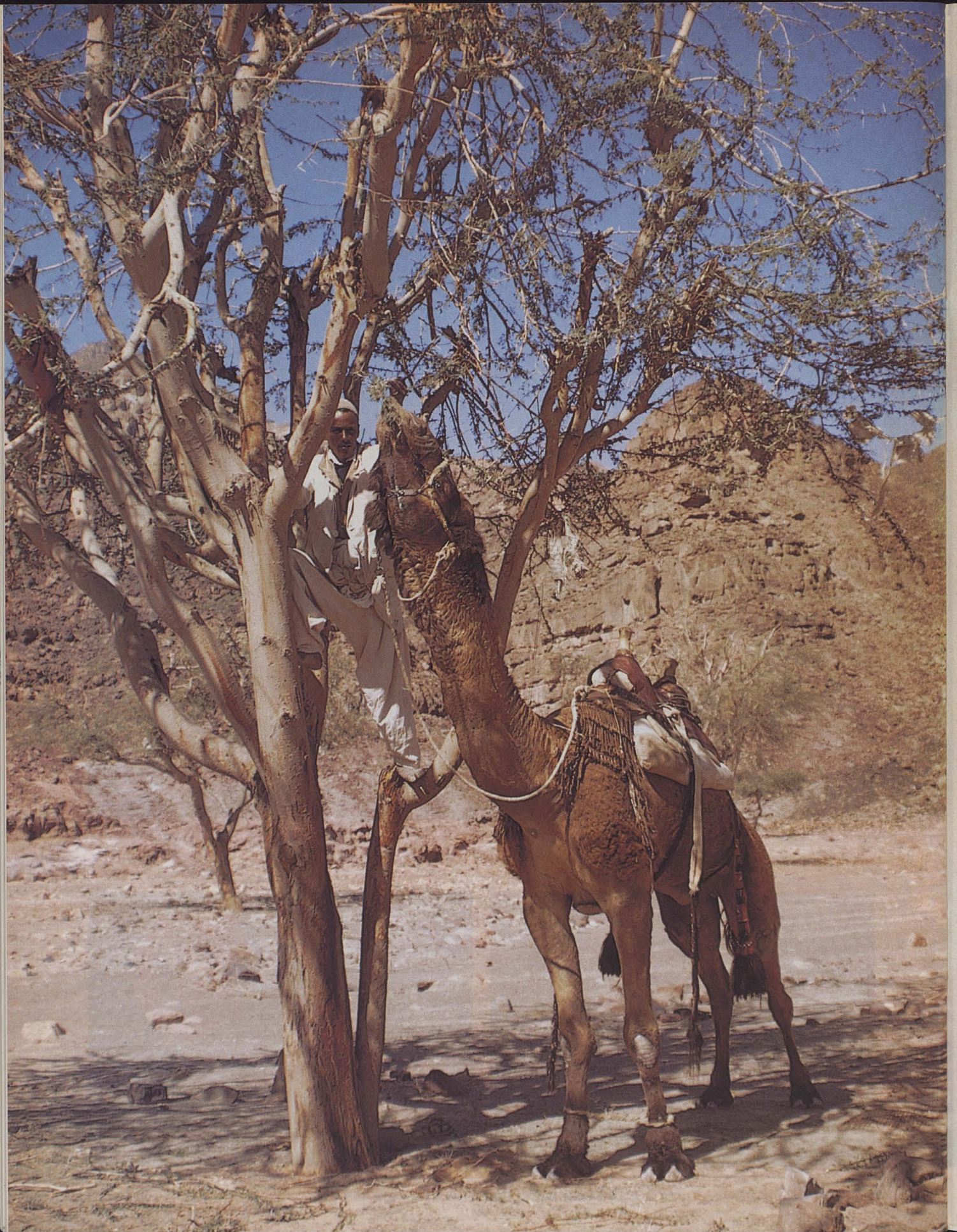
Mas a palavra do Senhor permanece para sempre”. (I Pedro 1:24-25.)

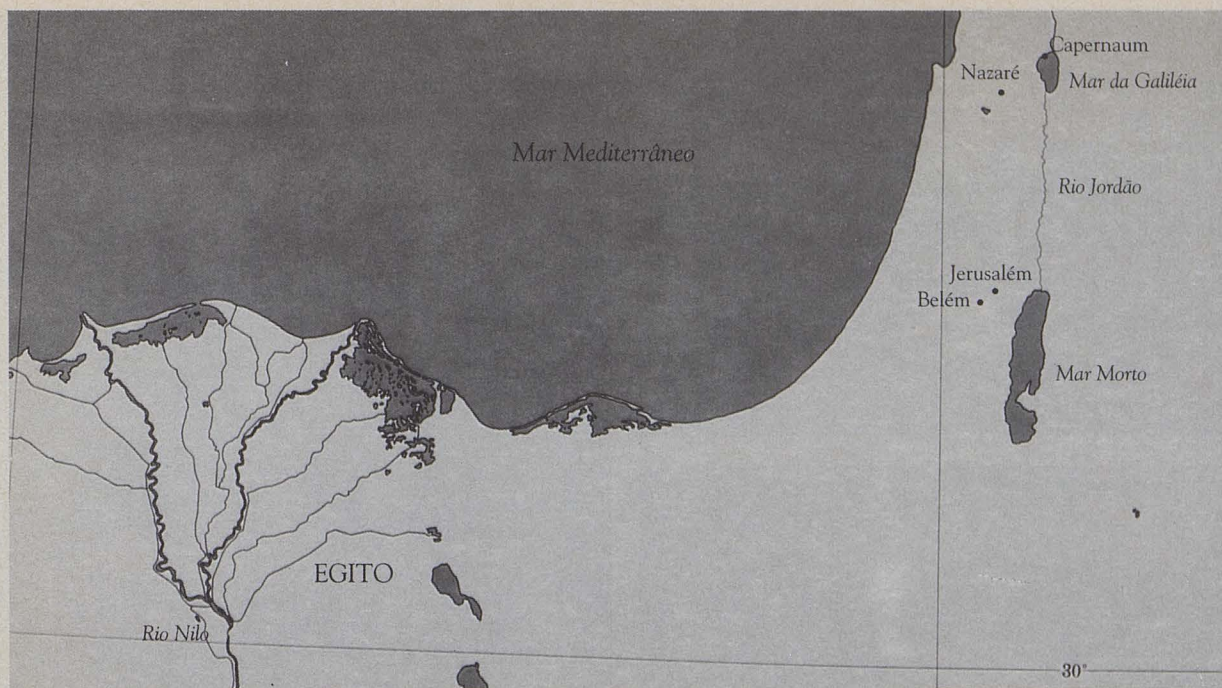
A papoula silvestre (*extrema direita*), comum nos tempos bíblicos e modernos, é um exemplo da pouca duração da beleza da flor que logo “cai”.



FOTOS DE KATHLEEN E. LUBECK



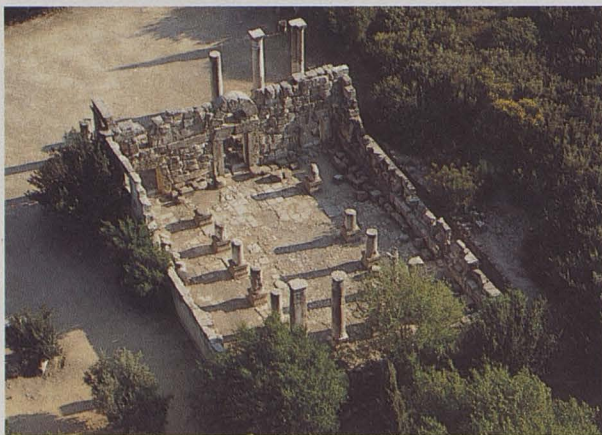




COPYRIGHT 1970 PROVIDENCE LITHOGRAPH CO.

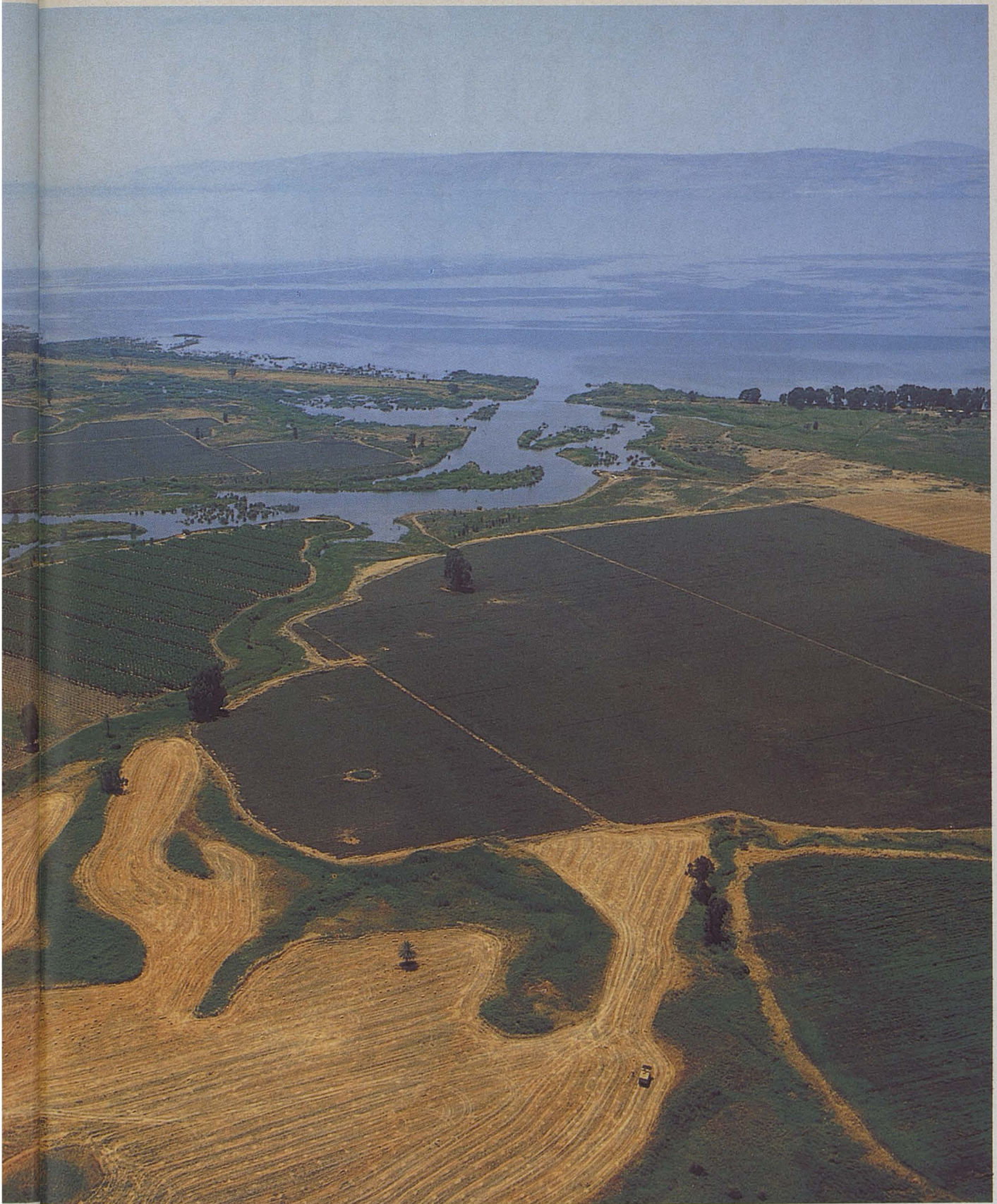
A despeito da tecnologia moderna, o camelo continua sendo largamente utilizado na Terra Santa, para trabalhar e viajar, exatamente como nos tempos bíblicos. Era um animal conhecido por João Batista, que usava roupas tecidas de pêlo de camelo (vide Marcos 1:6) e pelo Salvador. “É mais fácil passar um camelo pelo fundo duma agulha do que entrar um rico no reino de Deus.” (Mateus

19:24.) Mais tarde, acusou os escribas e fariseus hipócritas de serem “condutores cegos! que coais um mosquito e engolis um camelo”. (Mateus 23:24.) Este camelo em particular está mordiscando uma acácia. As acácias forneciam madeira de “cetim” com a qual ordenou o Senhor a Moisés que construísse o tabernáculo e alguns de seus móveis. (Vide Êxodo 25:5, 10, 13, 23, 28.)



Quando iniciou seu ministério, Jesus vivia em Capernaum, cidade localizada cerca de quatro quilômetros ao sul desta linda área (*direita*), onde o Alto Jordão deságua no Mar da Galiléia. No tempo de Jesus, Capernaum era um dos mais prósperos e populosos distritos da Palestina, e pode ter tido uma população de dez mil. Uma das principais ocupações era a pesca, e o peixe era recolhido com redes, assim como acontece hoje (*alto*). Dois pares de irmãos pescadores, Pedro e André — que viviam em Capernaum — e Tiago e João, atenderam ao chamado do Mestre para se tornarem “pescadores de homens”. Jesus ensinava o povo onde quer que se reunisse para ouvi-lo, inclusive nas sinagogas, semelhantes em estilo a esta bem preservada estrutura (*abaixo*) em Kefar Baram, alta Galiléia, que data do segundo século de nossa era. (Vide também terceira capa.) □





“O Caminho da Sabedoria”

Jill Hemming

Meu primeiro ano na faculdade! Mal podia acreditar na emoção de estar por conta própria, ter liberdade para fazer minhas escolhas e ser eu mesma. Logo descobri que havia muito mais na vida universitária do que ir às aulas. Envolvi-me nas atividades divertidas da vida acadêmica e muitas noites fiquei acordada até tarde.

As noites de sábado em particular eram um problema, porque todos sabiam que não haveria aulas no dia seguinte. Minha costureira freqüência às reuniões da Igreja tornou-se coisa do passado. Dormia tão pouco antes da reunião das nove, que sair da cama parecia fisicamente impossível. Nas manhãs em que conseguia arrastar meu corpo exausto até a capela — naturalmente atrasada — até mesmo os duros bancos de madeira pareciam convidar-me a dormir.

Não será necessário dizer que não aproveitava nada das reuniões. Finalmente, um domingo percebi que não ia à Igreja havia duas semanas. Minha consciência me incomodou. Talvez tenha sido por isso que comecei a ler o Velho Testamento. Já que não conseguia ir às reuniões, pelo menos poderia tentar aprender alguma coisa sozinha.

Então notei uma escritura que havia marcado durante

uma leitura anterior. As palavras pareciam agarrar-me e sacudir-me.

“No caminho da sabedoria te ensinei, e pelas carreiras direitas te fiz andar.

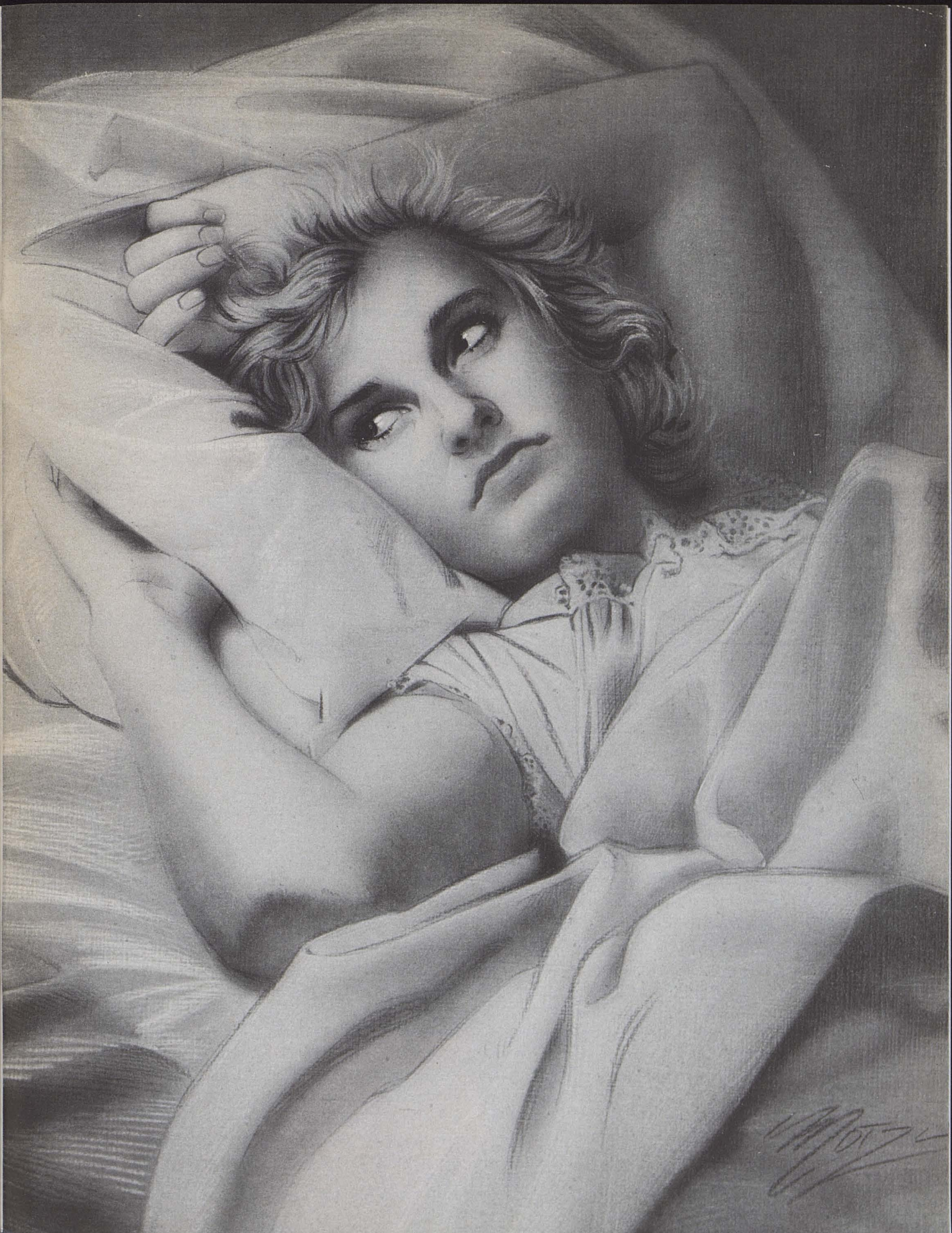
Pega-te à correção... porque ela é a tua vida.

Não entres na vereda dos ímpios, nem andes pelo caminho dos maus.” (Provérbios 4:11, 13-14.)

Foi como se o Pai Celestial estivesse dizendo: “Sabes o que é certo!” Toda minha vida, amorosos pais, professores e líderes me ensinaram o “caminho da sabedoria”. Eu fora guiada pelas “carreiras direitas”. Deveria ter discernimento suficiente para saber fazer o que é certo, para lembrar-me do dia do Senhor e santificá-lo.

Pela primeira vez, desde que estava na faculdade, dei-me conta da imensa responsabilidade que tinha pela minha própria espiritualidade. Não cabia a meus pais ou outros adultos guardar-me do “caminho dos maus”. Era minha a tarefa.

Suponho que ainda gosto de dormir tarde e provavelmente ainda não estou sempre cem por cento preparada para o dia do Senhor, mas desde o dia em que li essa escritura, aprendi que era melhor dormir mais cedo aos sábados se quisesse estar alerta no domingo. Isto se tornou prioridade em minha vida. □



ILUSTRADO POR ROGER MOTZ

R. Motz

Luis Alberto Ferrizo

Representante Regional

Néstor Curbelo

O Senhor tem incentivado os membros da Igreja nestes últimos dias a escolherem com cuidado seus líderes seculares: “Portanto, deve-se procurar diligentemente homens honestos e sábios, e aos homens bons e sábios vós deveis apoiar.” (D&C 98:10.) Os profetas do Senhor continuamente exortam os santos a se envolverem em suas comunidades e a escolherem boas pessoas para defenderem as leis do país.

O Élder Luis Alberto Ferrizo, Representante Regional em Flores, Uruguai, sabe a importância de ter líderes sábios. Há anos está envolvido na política local e nacional. Agora, o povo de Flores procura nele liderança sábia. Na última eleição no Uruguai, o Élder Ferrizo foi escolhido como representante do distrito de Flores no Congresso Nacional.

O Élder Ferrizo, 50 anos, sempre viveu em Flores. Ele e a esposa, Frieda, são pais de dois filhos: Eveline e Luis Alberto Jr. Como comerciante local, colaborador comunitário e líder religioso, Élder Ferrizo tem merecido o amor e o respeito não só dos que esposam as mesmas idéias políticas, mas também dos militantes de outros partidos. Como Representante Regional da Igreja e representante nacional do povo, ele percebe que governo e evangelho são ambos importantes, cada qual à sua maneira.

“Atividade político-partidária e atividade na Igreja são

duas coisas diferentes”, diz ele. “A Igreja não é política, não tem filiação política. Nas reuniões da Igreja falamos exclusivamente de assuntos do evangelho e não a respeito das preferências e atividades políticas individuais.”

O Uruguai goza de liberdade religiosa e política há muito tempo. Desde os primórdios de sua história, a Igreja é separada do Estado.

Os missionários da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias chegaram primeiramente ao país em 1947, e a Igreja teve um lento mas constante progresso na década de 1950. Na década seguinte, tornou-se uma das mais fortes e ativas igrejas do país. Hoje, são mais de cinquenta mil membros, numa população de três milhões e trezentos mil.

A Igreja está cada vez mais conhecida do público no Uruguai, e assim as realizações do Élder Ferrizo e de outros como ele, têm ajudado a derrubar as barreiras da desinformação sobre as atividades e propósitos da Igreja. O exemplo deles tem contribuído para o progresso da Igreja e a divulgação da mensagem do evangelho.

“A opinião de meus colegas diante de minhas crenças e vida religiosa é de respeito e até de certa admiração”, diz o Élder Ferrizo. “Isto cria uma imagem muito favorável, porque tanta gente aqui acredita que os membros da Igreja não podem participar de cargos



Élder e irmã Ferrizo com seus filhos Luis Alberto Jr., (esquerda) e Eveline (direita).



públicos. Em minha atividade comunitária e política não tenho enfrentado obstáculos por ser membro da Igreja de Jesus Cristo. Pelo contrário, tenho sido respeitado por causa de meus princípios.”

O Élder Ferrizo iniciou o serviço comunitário como delegado partidário em 1966. Foi eleito para o Conselho Departamental de Flores em 1971, foi escolhido como delegado partidário nacional e candidatou-se a vice-prefeito em 1985, e foi eleito congressista em 1989. Ele tem trabalhado ainda em outras áreas da comunidade. Nos esportes, serviu no comitê local de esportes e foi presidente do Clube Penãrol de Futebol, durante quinze anos. Na educação, serviu no comitê de pais da escola de seus filhos, primeiro como secretário e depois como presidente. Ele trabalha como leiloeiro, tendo um negócio próprio.

Seu trabalho na Igreja tem sido igualmente ativo. Foi batizado em 1963, e em 1967 foi chamado para presidir o Ramo de Flores. Em seguida foi presidente do Distrito de Durazno durante nove anos, e presidente da Estaca Durazno por mais nove. Desde 1989 ele serve como representante regional.

O Élder Ferrizo diz que procura incorporar os ensinamentos do evangelho nas decisões diárias como legislador. “Quando surgem tópicos que poderiam comprometer os princípios do evangelho, eu me baseio nesses princípios e os defendo, ainda que a decisão final seja quase sempre determinada pela política partidária.”

Embora se ocupe das mais variadas atividades, seu interesse primordial é o Evangelho de Jesus Cristo, que o ajuda a manter as coisas na perspectiva correta.

“A meta de nosso Pai Celestial para nós é a vida eterna”, diz ele. “E para consegui-la, precisamos aprender os princípios do evangelho, obedecer aos mandamentos e desenvolver-nos física, intelectual e socialmente. Devemos também ter um bom desempenho nos estudos seculares, mas o evangelho tem de ser o fundamento.”

O Élder Ferrizo aconselha os membros da Igreja, particularmente os jovens, a se prepararem agora para serem felizes e produtivos no futuro. “Cumprir missão e casar-se no templo são importantes passos para os jovens”, diz ele. “Ao organizarem sua vida pessoal, eles serão capazes de participar na comunidade de diversas maneiras. Outros verão não só como os princípios do evangelho governam sua vida, mas também os resultados da vivência desses princípios. Por seu exemplo, eles contribuirão efetivamente para a divulgação do evangelho.”

A declaração da Igreja com respeito aos governos e leis, exposta em Doutrina e Convênios, diz: “Cremos que todos os homens têm a responsabilidade de sustentar e apoiar os governos respectivos do lugar em que habitam, enquanto pelas leis de tais governos forem protegidos em seus direitos inerentes e inalienáveis.” (D&C 134:5.)

Trabalhando constantemente para o povo uruguaio, o Élder Ferrizo confirma a importância dessa instrução escriturística. “É responsabilidade de todos os membros manterem-se informados sobre os assuntos políticos de seu país, a fim de poderem escolher as melhores pessoas para dirigi-los.” □

Funcionário do Sistema Educacional da Igreja, Néstor Curbelo é presidente da Estaca Buenos Aires Norte, Argentina.



Capernaum

Esta vista aérea mostra a escavação de uma parte da antiga cidade, ao norte, na Galiléia, onde Jesus viveu nos primeiros anos de seu ministério. Embora o Senhor realizasse muitos milagres nesse lugar, no fim, reprovou seus habitantes, por rejeitarem-no. (Vide Mateus 8:5, 14; 9:1; 11:23; Lucas 4:31-35, 38; 5:18; 7:1; 10:15; Marcos 1:21, 30; 2:1.)



A Igreja nos ensina a sermos auto-suficientes”, diz o irmão Paul F. Bunoan, das Filipinas. Élder LeGrande e irmã Betty Larsen, um casal missionário, têm incentivado os membros de Mindanao a confeccionarem e venderem cestos de vime. Vide “Os Santos das Filipinas”, p. 8.